CONSELHOS
PARA FORMAR
UMA
BIBLIOTECA

GABRIEL NAUDÉ

ADVIS
POVR DRESSER
VNE
BIBLIOTHEQVE

Presenté à Monseigneur le President de Mesme.

Par G. NAVDE' P.

Omnia quæ magna sunt atque admirabilia, tempus aliquod quo primùm efficerentur habuerunt. *Quintil. lib. 12.*

A PARIS,
Chez FRANÇOIS TARGA, au premier pillier de la grand' Salle du Palais, deuant les Consultations.

M. DC. XXVII.

Auec Priuilege du Roy.

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

Gabriel Naudé

Conselhos para formar uma biblioteca

Apresentação de Claude Jolly

Tradução da primeira edição (1627) por

Antonio Agenor Briquet de Lemos

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

Sumário

Syntag
ma
GABR. NAVDÆVS PARIS. EMI. CARD. MAZARINI BIBLIOTHECARIVS
ÆT. AN. XLVI.
NAVDÆI Vultu Charites Musæq; renident,
Ignotisq; redit munere fama libris.
Io. Rhodius. Patauii 1645.
G. Georgi fec.

Manifesto da Biblioteca Erudita

Claude Jolly *

Os *Conselhos para formar uma biblioteca*, publicados por Gabriel Naudé em 1627, e reeditados em 1644,[1] quando ele ainda vivia, é um livro importante. Não tanto por se tratar do primeiro tratado a enunciar os princípios que devem reger o funcionamento e a formação das bibliotecas da era moderna. Não tanto porque Gabriel Naudé — que ainda não completara 27 anos quando o escreveu — viria a ser o bibliotecário de Mazarin e, por intermédio deste, da maior e mais notável coleção da primeira metade do Grande Século, antes que o absolutismo, em seu apogeu, se empenhasse em tornar a biblioteca do rei a pri-

* Diretor da biblioteca da Université Paris–Sorbonne, de 1987 a 1994. De 1994 a 2006 foi subdiretor de bibliotecas e informação científica do Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche da França. Organizador e colaborador da *Histoire des bibliothèques françaises* (Paris: Cercle de la Librairie, 2009. 4 v.) [N.T.]

1 A primeira edição foi publicada em 1627 pelo editor-livreiro François Targa. A segunda, publicada em 1644 por Rolet Le Duc, qualifica-se como "revista, corrigida e aumentada". É idêntica à primeira, salvo no que se refere à paginação. O 'aumento' consiste em que o *Traicté des plus belles bibliothèques* [...] do padre Jacob foi a ela acrescentado. Uma nova edição, com ortografia modernizada, apareceu em 1876. Enfim, em 1963, uma recomposição da edição de 1627 foi publicada na Alemanha oriental, sob os cuidados da VEB Edition, de Leipzig, com posfácio de Horst Kunze, diretor da Deutsche Staatsbibliothek de Berlim oriental. Foram editadas várias traduções, inclusive em latim. [Ver também, neste volume, p. XXI a XXIV. N.T.]

meira do mundo. Mas muito mais porque, sob o enunciado de proposições aparentemente simples, de uma evidência que parece, ao primeiro contato, não suscitar discussão, este livrinho faz, na realidade, afirmações fortes, toma partido, faz opções fundamentais em relação às quais cada um de nós, não apenas o colecionador ou o bibliotecário, porém, em geral, todos os membros da comunidade intelectual, terá de se definir.

Apesar ou antes por causa de sua facilidade enganadora, os *Conselhos* exigem, em nossa opinião, uma edição crítica que precisará mobilizar um vasto saber bibliográfico e um bom conhecimento da atividade intelectual da República das letras até o começo do século XVII. Não é este nosso propósito. Queremos apenas, antes da leitura desse clássico, muito citado mas no fundo pouco lido (o que é comprovado pelo pequeno número de suas reedições), suscitar algumas questões que nos parecem essenciais e tentar, de modo muito sumário, apresentar algumas respostas:

- Sobre qual terreno estes *Conselhos* foram formulados? De que modo a situação das bibliotecas na virada do século XVI para o XVII poderia desembocar num tratado dessa natureza?
- Seria um simples acaso que o autor desses *Conselhos* fizesse parte daquele movimento que denominamos libertinos eruditos?
- Podemos perceber as opções dos *Conselhos*? Quais são seus fundamentos, a que eles se opõem e a quem se destinam?

I

Por que estes *Conselhos*?

Comecemos por relembrar algumas evidências. Se as bibliotecas são tão antigas quanto os livros, a conjugação de uma nova técnica que multiplicava o número de exemplares — a imprensa — com uma nova mensagem intelectual — o Humanismo — subverteu necessariamente tudo. As grandes bibliotecas tradicionais, isto é, as coleções eclesiásticas, não estavam em condições favoráveis de participar e acompanhar a inevitável mudança. Abaladas pelas investidas do Humanismo e da Reforma protestante, voltadas com muita frequência para o passado, devastadas ocasionalmente durante guerras religiosas, as casas eclesiásticas do século XVI, e com elas suas bibliotecas, estão em crise. Em tal contexto, quais são as bibliotecas mais criativas, mais sensíveis aos novos ventos? Com certeza, as bibliotecas particulares. Se os clérigos continuam, obviamente, a se relacionar de forma intensa e regular com o livro e a formar bibliotecas, não é menos evidente que pessoas da justiça e das finanças — desde o pessoal subalterno do judiciário até os mais altos membros dos tribunais — e em menor escala os médicos ansiavam possuir aquilo que cada vez menos recebia o nome de 'livrarias' e cada vez mais o de 'bibliotecas'.

Nada de surpreendente nessas condições pois, na passagem do século XVI para o XVII, as maiores bibliotecas, as mais ricas com vários milhares de volumes, são o apanágio de magistrados muito importantes que também são autênticos eruditos. Devem ser citadas duas que se destacam

entre as principais: a biblioteca de Henri de Mesme II († 1650), *président à mortier* do tribunal de apelação* [*parlement*] de Paris, o mesmo ao qual estes *Conselhos* foram dedicados; e a biblioteca de Jacques-Auguste I^er de Thou († 1617), *président* do mesmo tribunal de apelação de Paris, coleção que todos os sábios da época consideram como o modelo da biblioteca erudita e que constitui o referente, meio confessado meio escondido, destes *Conselhos*.

Detenhamo-nos por um instante nessa biblioteca thouaniana, anteriormente estudada por Henry Harisse[2] e revisitada recentemente, de forma magistral, por Antoine Coron,[3] uma vez que ela expressa, quase com a pureza de um conceito, a ideia que os estudiosos então faziam da biblioteca 'letrada'. Primeira coleção de seu tempo, com perto de 6 000 títulos em 9 000 volumes quando da morte de J.-A. de Thou, segundo a contagem rigorosa feita por A. Coron,[4] foi diligentemente tratada por seu dono que assumiu também, a partir de 1593, o cargo de *maître* da livraria do rei, poeta latino e autor de uma *Histoire* renomada. O conteúdo dessa biblioteca organiza-se em torno de um

2 Henry Harrisse, *Le président de Thou et ses descendants, leur célèbre bibliothèque*. Paris: H. Leclerc, 1905.

3 Antoine Coron. *Ut prosint aliis*, Jacques-Auguste de Thou et sa bibliothèque. In: *Les bibliothèques sous l'Ancien Régime*. Paris: Promodis – Cercle de la Librairie, 1988, p. 101-125.

4 *Ibid*., p. 107.

* O *président à mortier* era um dos cargos mais importantes da justiça francesa durante o *Ancien Régime*. Os presidentes eram os magistrados principais das instituições jurídicas de mais alta hierarquia os *parlements*, como se chamavam os tribunais de apelação, organizados em câmaras, das quais a mais importante era a Grand'Chambre, cujos presidentes, para marcar a hierarquia superior à dos presidentes das câmaras inferiores, usavam o *mortier*, um capelo de veludo preto com galões dourados. [N.T.]

princípio único: reunir tudo o que é útil à comunidade de estudiosos. Disso resulta:

- a preocupação com a qualidade das obras: trata-se de reunir os melhores textos nas melhores edições, ou seja, as que foram legitimadas pelos estudiosos. Por outro lado, a forma material dos volumes constitui um critério muito secundário, até mesmo suspeito, e a antiguidade de uma edição não oferece em si mesma garantia alguma;
- profunda sensibilidade à produção erudita da época. Nesse sentido, a biblioteca thouaniana é o contrário de uma biblioteca de "herdeiros";[5]
- a recusa de exclusões 'dogmáticas'. O católico de Thou é amigo de grandes sábios protestantes e sua biblioteca contém os textos de todos os grandes reformadores. Em outro domínio ela acolhe as obras de Copérnico, Tycho Brahe, Kepler e Galileu;
- o acesso à coleção pelos cidadãos da *Respublica litteraria*, unidos entre si por fortes vínculos de solidariedade.

Eis, portanto, o contexto no qual o jovem Naudé concebeu sua pequena obra. Pela importância das bibliotecas que se formam, suas regras de funcionamento e de organização assumem uma certa 'autonomia', se profissionalizam e tornam possível sua formalização nos marcos de um tratado.

5 *Ibid.*, p. 111. A. Coron acrescenta (p. 114): "Saudando de longe e em memória a notoriedade de Erasmo, mais seletiva, portanto mais interessante, em face da geração da metade do século, a biblioteca thouaniana está, em compensação, totalmente implicada no movimento intelectual de sua época, da qual reflete o conteúdo mais erudito."

Ademais, é evidente que as grandes coleções são apropriadas pelos círculos de eruditos que delas fazem seu patrimônio. A lista das pessoas que rodeavam o presidente de Thou[6] e a de seus correspondentes é significativa a esse respeito. Quando morre de Thou, cabe a Pierre Dupuy assumir a guarda da prestigiosa biblioteca e ele ali receberá Mathieu Molén e Jérôme Bignon, o livreiro Sébastien Cramoisy e o jurista Hugo Grotius, Claude Saumaise e Elie Diodati, Jacques Sirmond e o padre Mersenne, Jacques Chapelain e... Gabriel Naudé.[7] Feito guarda, em 1635, da biblioteca do rei, o mesmo Pierre Dupuy, assistido de seu irmão Jacques, tornará essa biblioteca um dos principais locais de encontro da elite intelectual.

II

Por que Naudé?

É portanto bastante lógico que os bibliotecários das grandes coleções privadas (o problema apresenta características um pouco diferentes no caso das coleções eclesiásticas que ressuscitam a partir de 1620–1630, no âmbito do movimento da reconquista católica)[8] sejam recrutados principalmente entre aqueles homens que se consideravam tanto sábios quanto livres de qualquer preconceito: os libertinos

6 *Ibid.*, p. 105.

7 Jack A. Clarke, *Gabriel Naudé, 1600–1653*. Hamden, CT: Archon Books, 1970, p. 23.

8 Claude Jolly, Unité et diversité des collections religieuses. In: *Les bibliothèques sous l'Ancien Régime*, op. cit., p. 11-27.

eruditos. Ao lado dos irmãos Dupuy destaca-se obviamente a figura de Gabriel Naudé.

Nascido em 1600 numa família bastante modesta — seu pai era meirinho na repartição de finanças de Paris — Gabriel Naudé frequenta sucessivamente os colégios do cardeal Lemoine, de Harcourt e de Navarre. Recebe uma formação clássica, mas também lê, desde cedo, os 'modernos', principalmente Montaigne e Pierre Charron, que o influenciam de maneira decisiva e duradoura. Logo ele forma uma biblioteca pessoal, copiando, por carecer de recursos para comprá-los, os textos de que precisava. Embora sua família o encaminhe para que abrace a carreira eclesiástica, que era então o meio mais comum de ascensão social, ele se volta para a medicina, pois prefere as realidades às sutilezas teológicas. Espírito curioso, bibliógrafo precoce, tem pouco mais de 20 anos quando o presidente de Mesme lhe pede que seja seu bibliotecário. Apaixonado por seu encargo e pelos debates intelectuais de seu tempo, continua os estudos de medicina por curiosidade, e é com o fito de concluí-los que decide em 1626 matricular-se na universidade de Pádua cuja reputação ainda é lisonjeira. Esse primeiro 'aprendizado' italiano será, porém, de curta duração, pois o falecimento de seu pai em 1627 o chama de volta a Paris onde ele retoma seu lugar junto ao presidente de Mesme e publica seus *Conselhos para formar uma biblioteca* em que vem pensando há anos. É a partir desse momento que ele se liga realmente à maioria dos eruditos de sua época, especialmente a Gassendi. Recomendado por Pierre Dupuy, Naudé torna-se em 1630 bibliotecário do cardeal Bagno, núncio em Paris, que ele acompanha a Roma no ano

seguinte. Permanecerá então por uma dezena de anos na Itália, formando-se em medicina em 1633 na universidade de Pádua e entretendo correspondência erudita com Guy Patin, seu amigo de juventude, os irmãos Dupuy, o padre Mersenne, Peiresc, Gassendi e vários outros. É também na Itália que ele escreve seus textos políticos, influenciados por Maquiavel, principalmente as *Considérations politiques sur les coups d'État*, em 1639. Depois da morte do cardeal Bagno em 1641, ele passa para o serviço do cardeal Barberini, sempre na condição de bibliotecário. Sondado em 1642 por Richelieu para tomar conta de sua biblioteca, retorna a Paris pouco antes da morte do cardeal. Por fim, é Mazarin quem o toma a seu serviço, pedindo-lhe que faça de sua coleção uma grande biblioteca aberta aos estudiosos. É conhecida a extraordinária atividade desenvolvida por Naudé para transformar a biblioteca de seu mestre na primeira do mundo:[9] a partir de 1643 a coleção torna-se acessível aos eruditos; chamado de "*grand ramassier*"[10] [grande colecionador], Naudé compra freneticamente coleções inteiras, esvazia os estoques dos livreiros e empreende inúmeras viagens 'bibliográficas' a Flandres, Itália, Alemanha, Holanda e Inglaterra; em 1647, é iniciada a construção de um novo edifício na rua Richelieu destinado à biblioteca; no final da década, a coleção alcança quase 40 000 volumes. A Fronda constitui para a biblioteca a terrível prova que se conhece. Naudé esforça-se tenazmente para impedir sua dispersão. É bem-sucedido durante algum tempo, até que no começo

9 Pierre Gasnault, De la bibliothèque Mazarin à la bibliothèque Mazarine, *ibid.*, p. 135-145.
10 *Rymaille des plus célèbres bibliothèques de Paris*, 1649.

de 1652 a venda em leilão torna-se inevitável. Desesperado, um pouco decepcionado com Mazarin (embora os dois homens se estimem, Naudé parece ter sofrido por não ter sido suficientemente reconhecido, talvez estimado, pelo cardeal; acha que seus honorários eram muito baixos, lamenta não fazer parte do primeiro círculo de amigos íntimos de Mazarin, gostaria que seus conselhos fossem mais ouvidos, etc.). Naudé aceita, depois de hesitar um pouco, o convite da rainha Cristina, que lhe pede que vá para a Suécia, para dirigir sua biblioteca. Ele chega a Estocolmo em setembro de 1652. Por vários motivos, a situação dos eruditos convidados para a corte da Suécia se deteriora e em 1653 ocorre a partida quase total dos franceses que lá se encontram. Naudé está entre eles, enquanto Mazarin, que regressara triunfalmente a Paris em fevereiro de 1653, quer reconstituir sua biblioteca e volta a precisar de seu bibliotecário. Este parte de Estocolmo em junho de 1653, mas não consegue chegar a Paris: a doença o detém em Amiens, onde morre no dia 25 de julho.

Se a vida de Naudé é inseparável de sua curiosidade bibliográfica e de seu trabalho, muitas vezes obsessivo, de bibliotecário, pode-se também salientar que sua própria atividade intelectual somente existe em contraponto a bibliotecas ricas, eruditas e imersas em sua época. Não é este o lugar para expor um pensamento que está ligado a objetos variados e que, por não ser de primeiro plano, nem por isso é menos importante. Em compensação, para a compreensão dos *Conselhos*, não deixa de ter interesse observar que esse cético, adepto do livre exame, sublinha justamente a necessidade de um contato direto com as *fontes* mais au-

tênticas e mais completas que as bibliotecas (as quais na época ainda conservam o que hoje denominamos arquivos) têm a vocação de possuir. Sua determinação em fustigar a credulidade ou a superstição e sua atividade de editor de textos fazem-no formular a mesma exigência. Além disso, e esse é um aspecto decisivo, Naudé não reduz a erudição somente à reativação de textos antigos e autoridades: ela é, ao contrário, inseparável da vida, dos debates e dos descobrimentos da República das letras e da crítica que ela exerce sobre as ideias recebidas. Donde decorre a necessidade de se apoiar em bibliotecas que saibam acolher o conjunto da produção erudita da época, que sejam sensíveis à 'modernidade'. A biblioteca naudeana deve assim, e de modo absoluto, conter as duas pontas da cadeia: possuir os textos antigos nas edições validadas pelos eruditos e levar em conta, da forma mais exaustiva e mais imediata possível, a produção contemporânea, ficando entendido que aqui se fala da produção erudita, pois nada irrita mais nosso homem do que a frivolidade ou a moda. Em suma, possuir Aristóteles, seguramente, mas também Galileu, que foi condenado, lembremos, em 1633, ou seja, seis anos depois da primeira edição dos *Conselhos*.

Para ser completa, é preciso também evocar a especificidade da 'modernidade' reivindicada por Gabriel Naudé, que é de natureza diferente da 'modernidade' de um Descartes, quatro anos mais velho do que ele: o primeiro não dissocia o exercício do livre exame de uma certa forma de acumulação bibliográfica, ele é erudito porque cético e cético porque erudito; o segundo, encerrado em seu 'refúgio' e não em sua biblioteca, suprime ao contrário textos que

considera muito numerosos e de natureza a tudo confundir, e reconstroi Deus e o mundo segundo a ordem da razão.

Digamos, finalmente, algumas palavras sobre o personagem na medida em que o próprio caráter de Naudé transparece, acreditamos, nos *Conselhos*. Pode-se afirmar, com efeito, que ele aderiu à erudição como outros aderem a uma religião. Esse galicano leva uma vida simples e pouco onerosa. Bebe somente água, celibatário por princípio, talvez um pouco puritano, é contrário ao matrimônio, que considera incompatível com a condição de erudito. Seu maior prazer é reunir em sua casa de Gentilly — para onde levou a maior parte de sua já considerável biblioteca — Jacques Gaffarel, que foi por um tempo bibliotecário de Richelieu, Pierre-Daniel Huet, futuro bispo de Avranches e grande colecionador de livros, bem como seus companheiros de libertinagem erudita que são La Mothe le Vayer, Diodati, Gassendi e Patin. Se a denúncia por Naudé de tudo o que pode aparentar de perto ou de longe um 'viés' bibliofílico é perfeitamente coerente com suas referências intelectuais, a veemência com que o faz leva às vezes a pensar que ele se inclui pessoalmente nisso.

III

Os *Conselhos*, suas opções e seu destino

Nascidos da união da libertinagem com a Magistratura, os *Conselhos* se parecem bastante com seus genitores.

Naturalmente, é preciso distinguir com cuidado, nesse breve tratado, dois níveis de inspiração:

- há, de um lado, considerações técnicas ou práticas (hoje chamaríamos práticas biblioteconômicas) que retomam geralmente uma tradição antiga apoiada no simples bom senso (uma biblioteca deve ser instalada num local tranquilo, distante das fontes de umidade, etc.) ou levam em conta as mudanças impostas pelas alterações em curso (por exemplo, como conciliar a indispensável ordem metódica das coleções com as aquisições regulares de novos livros? Essa questão, tão antiga quanto as bibliotecas, apresenta-se de forma muito diferente daquela dos tempos em que só havia manuscritos).
- há, por outro lado, as opções decisivas de Naudé e de seu meio sobre quais devem ser os objetivos e, portanto, o conteúdo de uma biblioteca.

Essa dualidade permeia o conjunto da obra e explica em parte porque às vezes foi mal compreendida. Os *Conselhos* foram com muita frequência reduzidos à simples condição de "primeiro tratado sobre o funcionamento das bibliotecas modernas", o que de fato ele é. Em compensação, sua segunda dimensão, a de que é também e sobretudo o tratado da biblioteca erudita, com todas as consequências disso resultantes, tem sido geralmente escamoteada.

Quais são, então, os princípios que devem balizar a biblioteca naudeana? Isso se deduz claramente do que dissemos antes sobre a coleção do presidente de Thou e a figura de Naudé. Não é fácil resumir isso em uma fórmula: não por acaso o capítulo consagrado à qualidade e à condição dos livros é o mais longo e o mais complexo. Com o risco de nos repetirmos parcialmente, tentemos ir ao essencial:

- tudo, na biblioteca erudita, está disposto em torno do acervo e de sua qualidade. O prédio, a decoração, os ornamentos e as despesas somente são avaliados pela medida de sua utilidade ou de sua funcionalidade. Naudé, é claro, não se furta de elogiar a "fama" que não deixa de proporcionar aos poderosos a formação de "belas e magníficas" bibliotecas que fazem "resplandecer" um nome, mas existem aí algumas convenções, embora, como às vezes tem sido salientado, os *Conselhos* exprimem uma espécie de pacto social entre eruditos da alta magistratura e eruditos pobres. Toda a progressão lógica do capítulo de abertura não tem outro objeto senão o de levar à conclusão de que o "bem soberano", a "felicidade perfeita e realizada" somente podem ser proporcionados por uma biblioteca na qual as obras sejam *studiorum instrumenta* e não *cenationum ornamenta*;
- a biblioteca erudita é enciclopédica e reúne o maior número possível de obras de interesse para os sábios. É verdade que, no início do século XVII, essa exigência de quase exaustividade ainda é 'realista', tanto num plano epistemológico quanto num plano mais trivialmente quantitativo;
- a qualidade dos livros se mede por sua utilidade para a comunidade de eruditos. É por isso que é preciso possuir os melhores textos nas melhores edições, independentemente de sua idade, de seu preço ou de sua forma material, e privilegiar as fontes;
- se os autores antigos constituem a base incontestável da coleção na linha reta da tradição do humanismo galicano ao qual Naudé permanece fiel, os autores modernos

também devem ser bem e até mesmo mais bem acolhidos pois "hoje os espíritos são mais fortes, refinados e ágeis do que nunca".

- os textos heterodoxos não deveriam ser negligenciados. Além do fato de que é preciso conhecer uma doutrina para poder refutá-la, "excetuadas as passagens controversas [das obras em questão], eles podem às vezes concordar com os outros". Cético e tolerante, Naudé vê no confronto dos textos e das teses a condição da atividade erudita e não admite que as proibições atinjam a produção letrada;
- a coleção erudita está enfim acessível tanto a todos os eruditos quanto ao "mais humilde dos homens que deles vier a precisar": a lógica da utilidade que deve presidir o funcionamento de uma biblioteca deve presidir também o seu destino. As lembranças do tempo de estudante sem dinheiro ainda estão bastante vivas. Evitemos, portanto, ver nos *Conselhos* o texto pioneiro da 'leitura pública' O "mais humilde dos homens" de que trata aqui é, em primeiro lugar, um jovem erudito pobre.

Ao contrário do que uma leitura rápida poderia fazer crer, Naudé não escreve uma obra consensual. Ele toma partido em certos debates de seu tempo e anuncia os de tempos futuros. Em lugares neutros e distantes, ele na realidade dispara flechas assassinas contra todas as outras concepções de biblioteca. Naudé visa de cambulhada a literatura, cultivada por "espíritos [...] fracos [que] se entretêm com narrativas e romances" (na formação da coleção da biblioteca de Mazarin, ele adotará, no entanto, uma posição menos

rígida desse ponto de vista, sem dúvida porque narrativas e romances podem, apesar de tudo, ser 'úteis' aos sábios); a sensibilidade aos fenômenos da moda que ele detesta acima de tudo ou aquela cultura mundana e 'de salões' destinada ao sucesso que se conhece; a biblioteca escolhida, seletiva e vulgarizadora, do homem perfeito, destinada também a um grande futuro. Resta, enfim, sua ovelha negra, a bibliofilia, que emerge muito lentamente ao longo de todo o século XVII até se afirmar no século seguinte. Esse fenômeno não é somente indecifrável para os eruditos, mas lhes parece um jogo de perversidade total[11] onde se misturam de modo incongruente e segundo doses sutis e variáveis critérios heterogêneos: intelectuais e formais, econômicos e simbólicos.

A partir daí, o destino dos *Conselhos* será paradoxal. Sempre citados como texto fundador, invocados como autoridade, defendem, no entanto, uma concepção de biblioteca — toda a erudição e somente a erudição — que será derrogada por muitas outras (a biblioteca seletiva, o gabinete do bibliófilo, etc.), ao sabor das vicissitudes da história extraordinariamente complexa da erudição, a qual conhecerá definitivamente mais derrotas que vitórias. Tudo acontece como se a imagem emblemática e até um pouco sacralizada de Naudé disfarçasse, de fato, uma indiferença quase completa pelas bibliotecas eruditas, que, hoje em dia, está muito presente (supremo paradoxo) nos meios cultos ou reputados como tais.

11 Jean Viardot, Naissance de la bibliophilie: les cabinets de livres rares. In: *Les bibliothèques sous l'Ancien Régime*, op. cit. p. 269-289.

Orientação bibliográfica

ALBRICH, Eva. *Der "Advis pour dresser une bibliothèque" von Gabriel Naudé*. Erlangen: Friedrich Alexander Universität, 1949. Phil. Dissertation.

CLARKE, Jack A. *Gabriel Naudé, 1600–1653*. Hamden, CT: Archon Books, 1970. 183 p.

DACIER, Emile. En lisant Gabriel Naudé. *Archives et Bibliothèques*, v. 1, p. 5-9, 1935.

JOLLY, Claude (dir.) *Les bibliothèques sous l'Ancien Régime, 1530–1789*. Paris: Promodis – Cercle de la Librairie, 1988. Cf. principalmente os seguintes capítulos:
CORON, Antoine. *Ut prosint aliis*, Jacques-Auguste de Thou et sa bibliothèque, p. 101-125.
GASNAULT, Pierre. De la bibliothèque de Mazarin à la bibliothèque Mazarine, p. 135-145.
VIARDOT, Jean. Naissance de la bibliophilie: les cabinets de livres rares, p. 269-289.
JOLLY, Claude. Bâtiments, mobilier, décor, p. 361-371.
JOLLY, Claude. Naissance de la science des bibliothèques, p. 381-385.

LABITTE, Charles. Écrivains précurseurs du siècle de Louis XIV. I. Gabriel Naudé. *Revue des Deux Mondes*, v. 7, n. 4, p. 447-477, 1836.

PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII*e *siècle*. Paris: Boiron, 1943.

QUEYROUX, Fabienne. Recherches sur Gabriel Naudé (1600-1653), érudit et bibliothécaire. In: École Nationale des Chartes. *Positions des thèses soutenues par les élèves de la promotion de 1990*. Paris: École des Chartes, 1990, p. 133-140.

RICE, James V. *Gabriel Naudé 1600–1653*. Baltimore: Johns Hopkins Press; London: H. Milford: Oxford University Press; Paris: Les Belles Lettres, 1939. 134 p. (The John Hopkins Studies in Romance Literatures and Languages, v. 35.) Reimpressão: 1973.

SAINTE-BEUVE, C.-A. Écrivains critiques et moralistes de la France. XI. Gabriel Naudé. *Revue des Deux Mondes*, déc. 1843, p. 754-789. Disponível em: http://rddm.revuedesdeuxmondes.fr/archive/article.php?code=69381. Também em: SAINTE-BEUVE, C.-A. Portraits littéraires. Nouv. éd. Paris: Garnier, 1862, p. 467-512.

Explicação do tradutor

No próximo ano — 2017 — este livrinho estará completando 390 anos de idade. Sua história de vida mostra que não lhe têm faltado leitores e admiradores.

A primeira edição foi feita em 1627: *Advis pour dresser une bibliothèque présenté à monseigneur le président de Mesme*. Feita em Paris por François Targa, impressor e livreiro. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5745621k.r=Naud%C3%A9%2C%20Gabriel. Esta tradução baseou-se nesse texto digitalizado pela Bibliothèque Nationale Française.

A segunda edição, "corrigida e aumentada", apareceu em 1644 (Paris: Chez Rolet le Duc, 1644, 164 p.). Seu amigo, o padre Louis Jacob, a quem Naudé solicitou que cuidasse da nova edição, acabou por escrever toda uma outra obra, em duas partes, com quase 500 páginas, editada simultaneamente com a segunda edição do *Advis*, e que intitulou *Traicté des plus belles bibliothèques publiques et particuliers, qui on esté et qui sont à present dans le monde*. Em 1990, saiu na França uma nova reimpressão dessa edição de 1644, antecedida por estudo de Claude Jolly sobre o *Advis* como "manifesto da biblioteca erudita" (Paris: Aux Amateurs de Livres, 1990). Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6514x/f5.item.r=Advis%20pour%20dresser%20une%20biblioth%C3%A8que.zoom. É esse estudo de Claude Jolly que se encontra no início da presente tradução.

O texto francês de 1627 ressurgiu em 1876, numa edição feita com nova composição tipográfica, mantida a ortografia original, do século XVII, feita pelo editor Isidore Liseux. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k576966/f2.image.

Em 1963, na então República Democrática Alemã, foi publicada nova edição do texto da primeira edição, com breve

posfácio em alemão, francês, inglês e russo, sobre a vida de Naudé (Leipzig: VEB Edition, 1963). Disponível em: http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/48749-advis-pour-dresser-une-bibliotheque-par-gabriel-naude.pdf.

Uma edição crítica do texto de 1627, que modernizou a ortografia e incluiu comentários, foi feita por Hannelore Baert, como trabalho de conclusão do curso de licenciatura de línguas românicas da Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Universiteit Gent, 2006/2007. Disponível em: http://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/001/414/425/RUG01-001414425_2010_0001_AC.pdf.

Em 2012, Camille Ducrot, como requisito do curso de programação editorial da École Nationale Supérieure des Sciences de l'Information et des Bibliothèques, em Paris, publicou uma edição do texto da primeira edição, com notas e comentários, mantida a ortografia do século XVII. Nela foram incluídos os materiais complementares da edição feita na Alemanha Oriental em 1963. Disponível em: http://barthes.ens.fr/travaux/Ducrot-Naude-Advis.pdf.

Em 2008 foi publicada a mais completa edição crítica e comentada, feita por Bernard Teyssandier para a editora Klincksieck (Paris, 460 p.). Após introdução do editor encontra-se o fac-símile da edição de 1644, e a transcrição do texto para o francês moderno. Notas elucidam dúvidas sintáticas e de vocabulário do texto original e tradução das citações.

As traduções

Em 1661, oito anos depois da morte de Naudé, ocorrida em 1653, o polímata John Evelyn (1620–1706) fez a primeira tradução inglesa: *Instructions concerning erecting of a library presentet to My Lord the president de Mesme*. (London: G. Bedle, T. Collins, 1661). Dela foram feitas reimpressões em 1903 (Cambridge: Printed for Houghton, Mifflin & Co. at the Riverside Press) e em 1966 (London: Dawsons of Pall Mall, 1966).

Depois de 140 anos de sua morte, foi publicada uma edição latina *Dissertatio de instruenda bibliotheca, ad illustrissimum dominum præsidem De. Mesme e gallico in latinum idioma translata*. Editada na cidade alemã de Helmstadt, em 1793. O responsável se identificou com as iniciais: P. I. L. M. D.

Uma edição moderna em inglês — *Advice on establishing a library* — prefaciada por Archer Taylor, foi editada pela University of California Press, em 1950, e reimpressa pela Greenwood Press, em 1976. Embora a intenção original fosse fazer uma reimpressão da tradução de Evelyn, de 1661, esse objetivo foi prejudicado pelo grande número de erros daquela edição. O prefaciador, Archer Taylor, observa que essa acabou sendo uma versão "*substantially independent*" (introdução, p. xxxi).

Em 1971, apareceu a edição dinamarquesa — *Vejledning i biblioteksarbejde* — traduzida e comentada por Robert L. Hansen (København: Gad, 1971).

Na antiga República Democrática Alemã foi publicada, em 1978, a tradução para o alemão *Anleitung zur Einrichtung einer Bibliothek*, feita por Heinz Steudtner e K. Taubermann (Belin: Berliner Verleger- u. Buchhändlervereinigung e.V., 1978).

Em 1987, foi publicado em japonês o capítulo 4, por R. Tenma, na revista *Toshokan-Kai*, v. 38, n. 6 e v. 39, n. 1. Em 2006, foi publicada a tradução completa — *Toshokan setsuritsu no tameno jogen* — feita por Yukio Fujino e Hiroyuki Fujino e editada por Kanazawa Bunpokaku.

Os italianos publicaram três traduções. A de Massimo Bray, intitulou-se *Consigli per la formazione di una biblioteca* (Napoli: Liguori Editore; Dipartimento di Filosofia e Politica dell'Istituto Universitario Orientale, 1992) com segunda edição em 1994. A outra tradução, de Vittoria Lacchini, chamou-se *Avvertenze per la costituzione di una biblioteca* (Bologna: Clueb 1992) e reeditada, como a anterior, em 1994.

Em 2012, saiu a terceira tradução italiana: *Istruzioni per allestire una biblioteca*, organizada por Massimo Gatta. O tradutor e autor da introdução foi Alfredo Serrai. Incluiu a reimpressão de um ensaio clássico de Maria Cochetti sobre Naudé, e das edições francesa (1644) e inglesa (1661) do *Advis* (Macerata: Biblohaus, 2012).

Registre-se ainda a publicação da tradução dos três primeiros capítulos em "Istruzioni per l'allestimento di una biblioteca", na revista *Bibliotecario*, n. 36-37, p. 208-235, 1993.

Em 2006, saiu a tradução para o sueco — *Råd för upprättandet av ett bibliotek* — feita por Bertil Jansson, e publicada em *Svensk Biblioteksforskning*, v. 15, n. 3, Temanummer juni 2006.

A tradução espanhola, feita por Evaristo Álvarez Muñoz — *Recomendaciones para formar uma biblioteca* — saiu em 2008 (Oviedo: KRK Ediciones).

Esta tradução para o português, a primeira, baseou-se no texto francês de 1627 e no texto de 2012 comentado por Camille Ducrot. Foi adotada a separação dos capítulos introduzida na segunda edição (1644). As citações latinas foram cotejadas com textos modernos e consagrados, que se encontram no sítio da Perseus Digital Library, da Tufts University (EUA), ou com edições da época encontradas em bibliotecas digitais. No caso de discrepância entre a forma citada por Naudé e a forma registrada numa dessas obras, foi esta que prevaleceu.

As traduções das citações foram colhidas em tradutores portugueses e brasileiros, indicados nas notas colocadas no final de cada capítulo, junto com os textos originais. Quando não foi encontrada tradução publicada em português, foi usada como texto de partida a versão constante da edição espanhola de 2008.

Os nomes de autores latinos ou gregos foram grafados na forma aportuguesada; assim, Tibério e não Tiberius. Adotou-se a forma corrente dos nomes dos autores europeus (não romanos) citados por Naudé, ao contrário da forma que ele empregou, mas que se tornou incomum; assim, Francis Bacon e não barão Verulam. As exceções, como Maquiavel e não Machiavelli, e Guilherme de Occam e não William of Ockam, se explicam pelo princípio do respeito à forma mais corrente em textos em português.

Para dirimir dúvidas e confirmar opções de tradução, foram consultadas as traduções inglesa, italiana e espanhola. Para verificar os significados de vocábulos empregados por Naudé, no século XVII, foi muito útil o *Dictionaire universel, contenant generalement tous les mots françois* [...], de Antoine Furetière (La Haye: Arnout & Reinier Leers, 1690. 3 v.). Disponível em: http://www.lexilogos.com/francais_classique.htm.

Sobre Gabriel Naudé

As reedições e traduções antes citadas são complementadas por estudos mais ou menos extensos sobre a vida e a obra de Gabriel Naudé. A edição espanhola inclui ainda uma útil biobibliografia dos autores citados nos *Conselhos para formar uma*

biblioteca. A lista a seguir constitui uma amostra de trabalhos sobre o 'bibliotecário dos príncipes':

Akbal, Mehenni. Sur une phrase de Gabriel Naudé. *Documentation et Bibliothèques*, v. 58, n. 4, 2012, p. 198-203. Disponível em: http://id.erudit.org/iderudit/1028837ar.

Albrich, Eva. *Der "Advis pour dresser une bibliothèque" von Gabriel Naudé*. Erlangen: Friedrich Alexander Universität, 1949. Phil. Dissertation.

Amorim, Margarete Jacques. *As contribuições de Gabriel Naudé para a sociedade no século xvii e os reflexos dessas contribuições para a biblioteconomia no século xxi*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Trabalho de conclusão de curso de graduação.

Bianchi, Lorenzo. Per una biblioteca libertina: Gabriel Naudé e Charles Sorel. In: Canone, E. (org.) *Bibliothecae selectae: intellettuali e libri da Cusano a Leopardi*. Firenze: Olschki, 1993, p. 171-215.

Bianchi, Lorenzo. L'*Avis pour dresser une bibliothèque* de Gabriel Naudé: prolégomènes pour une bibliothèque libertine? *Littératures classiques* 2008/2, n. 66, p. 133-142. Disponível em: http://www.cairn.info/revue-litteratures-classiques1-200 8-2-page-133.htm.

Blum, Rudolf. Bibliotheca Memmiana. Untersuchungen zu Gabriel Naudés "Advis pour dresser une bibliothèque". In: Joost, Siegfried (dir.) *Bibliotheca docet. Festgabe für Carl Wehmer*. Amsterdam: Erasmus-Buchhandlung, 1963, p. 209-232.

Boeuf, Estelle. *La bibliothèque parisienne de Gabriel Naudé en 1630: les lectures d'un libertin érudit*. Genève: Droz, 2007.

Boitano, John F. Naudé's *Advis pour dresser une bibliothèque*: a window into the past. *Seventeenth-Century French Studies*, v. 18, n. 1, p. 5-19, 1996.

Clarke, Jack A. Gabriel Naudé and the foundations of the scholarly library. *Library Quarterly*, v. 39, n. 4, p. 331-343, Oct., 1969.

Clarke, Jack A. *Gabriel Naudé, 1600–1653*. Hamden, ct: Archon Books, 1970. 183 p.

Cochetti, Maria. Gabriel Naudé, "Mercurius philosophorum". *Il Bibliotecario*, v. 22, p. 61-104, 1989.

Coelho, Teixeira. Biblioteca: In: ——— . *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: fapesp: Iluminuras, 1997, p. 75-78.

Courtney, J.W. Gabriel Naudé, preeminent savant, bibliophile, philanthropist. *Annals of Medical History*, ser. 3, v. 6, p. 303–311, 1924.

Damien Robert. Gabriel Naudé (1600–1653) et la révolution bibliothécaire du savoir. *Matériaux pour l'Histoire de Notre Temps* 2/2006 (N° 82), p. 18-23. Disponível em: www.cairn.info/revue-materiaux-pour-l-histoire-de-notre-temps-2006--2-page-18.htm.

Damien, Robert. *Bibliothèque et État: naissance d'une raison politique dans la France du xviie siècle*. Paris: puf, 1995. 316 p.

Decoster, Sara. *Fonctions du catalogue chez Gabriel Naudé: bibliothèque et connaissance universelle*. (Résumé de la conférence.) Conférence pour la Société des Bibliophiles Belges Déant à Mons, le 11 juin 2011. 7 p. Disponível em: https://orbi.ulg.ac.be/bitstream/2268/92759/1/ConfNaudeunivers bibliogr.pdf.

Decoster, Sara. *La bibliothèque miroir: Gabriel Naudé et le libertinage érudit. Volume 1: Reflets de la bibliothèque et de la politique*. Liège: Université de Liège. Faculté de Philosophie et Lettres; Département de Langue et Littératures Romanes. Année académique 2012-2013. 27 p. Capítulo de tese de doutorado. 27 p. Disponível em: http://bictel.ulg.ac.be/ETD-db/collection/available/ULgetd-05012013-210926/unrestricted/IntroductionSaraDecoster.pdf.

Gionfrida, Alessandro. Gabriel Naudé bibliotecario di Mazzarino. *Dimensioni e Problemi della Ricerca Storica*, n. 1, p. 146-168, 1994. Disponível em: http://dprs.uniroma1.it/sites/default/files/163.html.

Gómez Sánchez, Carlos. Filosofía política y biblioteconomía en la obra de Gabriel Naudé. *Ágora: Papeles de Filosofía*, v. 18, n. 2, p. 103-115, 1999.

Grant, E. M. Two views on the increasing importance of library access in the seventeenth century: Gabriel Naudé and Claude Clement. *Georgia Library Quarterly*, v. 50, n. 4, p. 13-18, 2013.

Hoch, Philippe. Gabriel Naudé et les débuts de la science

des bibliothèques au XVII^e siècle. *Mémoires de l'Académie Nationale de Metz*, 1995, p. 67-80. Disponível em: http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/handle/2042/33711/ANM_1995_67.pdf?sequence=1.

Jansson, B. Biblioteksmannen Gabriel Naudé och hans *Advis pour dresser une bibliothèque*. *Svensk Biblioteksforskning*, n. 1, p. 9-40, 2000.

Kristeller, Paul Oskar. Between the Italian Renaissance and the French Enlightenment: Gabriel Naudé as an editor. *Renaissance Quarterly*, v. 32, n. 1 , p. 41-72, Spring, 1979.

Labitte, Charles. Écrivains précurseurs du siècle de Louis XIV. I. Gabriel Naudé. *Revue des Deux Mondes*, v. 7, n. 4, p. 447-477, 1836.

Lancien, Christina. Der nützliche Gebrauch einer grossen Bibliothek: Vorschläge zum Bibliotheksaufbau von Gabriel Naudé und Gottfried Wilhelm Leibniz. *Bibliothek. Forschung und Praxis*, nº 14, p. 113-131, 1990.

Lemke, Antje Bultmann. Gabriel Naudé and the ideal library. *The Courier*, Syracuse University Libraries. 1991. Paper 280. Disponível em: http://surface.syr.edu/libassoc/280.

Nelles, Paul. The library as an instrument of discovery: Gabriel Naudé and the uses of history. In: Kelley, Donald R. (ed.) *History and the disciplines: the reclassification of knowledge in early modern Europe*. Rochester: The University of Rochester Press, 1997, p. 41-57.

Revel, Jacques. Entre dois mundos: a biblioteca de Gabriel Naudé. In: Baration, Marc; Jacob, Christian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 217-224.

Rice, James V. *Gabriel Naudé 1600–1653*. Baltimore: Johns Hopkins Press; London: H. Milford: Oxford University Press; Paris: Les Belles Lettres, 1939. 134 p. (The John Hopkins Studies in Romance Literatures and Languages, v. 35.) Reimpressão: 1973.

Rovelstad, Mathilde V. Two seventeenth-century library handbooks, two different library theories. *Libraries & Culture*, v. 35, n. 4, p. 540-556, Fall, 2000.

Rozzo, Ugo. L'Advis di Gabriel Naudé e la nascita della biblioteconomia. *La Bibliofilia*, n. 97, p. 59-74, 1995.

Sainte-Beuve, C.-A. Écrivains critiques et moralistes de la France. xi. Gabriel Naudé. *Revue des Deux Mondes*, p. 754-789, déc. 1843. Disponível em: http://rddm.revuedesdeuxmondes.fr/archive/article.php?code=69381. Também em: Sainte-Beuve, C.-A. *Portraits littéraires*. Nouv. éd. Paris-: Garnier, 1862, p. 467-512.

Serrai, Alfredo. Ermeneutica, in chiave bibliografica, dello '*Advis*' naudeano. *Il bibliotecario*. Serie iii, p. 13-47, 2010.

Sordet, Yann. D'un palais (1643) l'autre (1668): les bibliothèques Mazarine(s) et leur décor. *Ikonographie und Dekoration der Bibliotheken in der Zeit der Barock und Klassizismus*, Oct 2013, Eger, Hungary. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00936528v4.

Stenzel, H.; Kapp, V. Gabriel Naudé et l'utopie d'une bibliothèque idéale. In: Kapp, Volker (ed.), *Les lieux de mémoire et la fabrique de l'œuvre*. Tübingen: Gunter Narr, 1993. (Biblio 17, 80), p. 103-115.

Tálamo, Maria de Fátima Moreira; Smit, Johanna W. Ciência da informação: pensamento informacional e integração disciplinar. *Brazilian Journal of Information Science*, São Paulo, v.1, n.1, p.33-57, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/30/29.

O texto desse artigo dá a entender que Naudé teria submetido a Henri de Mesme, de quem foi bibliotecário particular, "um audacioso projeto" que mencionava a "importância — política — de criação de uma grande biblioteca, para 'coroar' e 'servir de ornamento' da política levada a efeito pelo Parlamento parisiense". O objetivo de Naudé era fornecer instruções práticas aos amigos que queriam formar suas bibliotecas particulares. Não se tratava de projeto encaminhado ao 'parlamento' para a criação de biblioteca(s), mesmo porque esse não era um órgão legislativo, como os parlamentos modernos, mas um tribunal superior. Ver notas nas p. vi e 7.

Teyssandier, Bernard. L'ethos érudit dans l'*Avis pour dresser une bibliothèque* de Gabriel Naudé. *Littératures classiques* 2/2008 (n. 66) , p. 115-131. Disponível em: www.cairn.info/revue-litteratures-classiques1-2008-2-page-115.htm.

Vidal, Silvina Paula. *Organización del conocimiento en los albores de la modernidad. Los comienzos de la biblioteconomía en el* Advis pour dresser une bibliothèque *de Gabriel Naudé*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras; Universidad de

Buenos Aires, 2002. Disponível em: http://www.bn.gov.ar/descargas/publicaciones/mat/LyB4.htm.

ADVIS POVR DRESSER VNE BIBLIOTHEQVE

Presenté à Monseigneur le President de MESME.

Par G. NAVDE' P.

Omnia quæ magna sunt atque admirabilia, tempus aliquod quo primùm efficerentur habuerunt. *Quintil. lib. 12.*

A PARIS,
Chez FRANÇOIS TARGA, au premier pillier de la grand' Salle du Palais, deuant les Consultations.

M. DC. XXVII.

Auec Priuilege du Roy.

Ao leitor

Como estes conselhos somente foram redigidos em decorrência de um debate, travado há alguns meses, na biblioteca daquele que me obsequia, desde então, com seu apreço, eu jamais pensara em retirá-los da poeira de meu gabinete e expô-los à luz do dia. Mas, sem poder continuar, satisfatória e prontamente, a saciar a curiosidade de muitos de meus amigos, que me solicitavam cópias destas instruções, acabei por me decidir a fazer este registro, tanto para me livrar das despesas e do incômodo dos copistas, quanto porque sou naturalmente propenso a atender ao público. Se estes conselhos não forem dignos de satisfazer a esse público, que possam, pelo menos, servir de guia para quem deseje melhorá-los, a fim de que não continuemos privados, por mais tempo, de uma obra que lhes parece fazer falta.

Em respeito a esse público, esforcei-me para ser o primeiro a romper o gelo e nele abrir o caminho para quem almejar voltar a trilhá-lo com mais calma. Se fores grato a mim, terei que louvar tua benevolência e cortesia. Caso contrário, suplicar-te-ei para que pelo menos escuses meus erros e os do tipógrafo.

SOBRE GABRIEL NAUDÉ
autor da primeira
ARTE DE FORMAR UMA BIBLIOTECA

EPIGRAMA

Ordenar os livros, eis algo fácil e
evidente para todos; mas pôr em ordem os autores
dos livros é mérito teu.

BRINCADEIRA POÉTICA, DO MESMO AUTOR

Mesmo que tu, Naudé, sejas a biblioteca de
tantos livros, tua biblioteca não é
Cusa.
Pois uma biblioteca não produz
uma biblioteca como uma planta não faz
gerar outra planta.
Mas se a biblioteca for dessa espécie,
creia-me, será um milagre se uma biblioteca
gerar outra.
Mas pretendes que isso não seja um
milagre, aquilo que a sábia Lutécia louva:
"Ela não pode ser senão
a obra de arte de um espírito divino."
Se o que foi criado pela arte humana, como dizes,
não é divino:
diz-me então o que é tua biblioteca?

I. C. Frey, Doct. Medic. & Philosophor.
iu Academia Paris. Decanus.

Epígrafe latina do original:

IN PRIMUM STRUENDA / ordinatim Bibliothecae Auctorem
GABR. NAUDAEUM / EPIGRAMMA.
Composuisse libros, / promptum et triviale / cuique est; /
Librorum auctores composuisse, Tuum / est. / EIUSDEM LUSUS. /
Bibliotheca licet tot sis Naudae librorum / Cusa haec non tamen est Bibliotheca tua. /
Non etenim veluti plantam parit altera planta. / Bibliothecam aliam Bibliotheca parit. /
Si tamen ista Tua est, mihi credito non nisi monstrum est, /
Cum Bibliothecam aliam Bibliotheca parit.
At monstrum esse negas; quod docta Lutetia laudat: / Ergo diuinae fabrica mentis erit. /
Non diuum est, inquis, humana conditum / ab arte:
Die ergo tua tu Bibliotheca quid est?

I. C. Frey, Doct. Medic. & Philosophor.
iu Academia Paris. Decanus. ‡

‡ Jean Cécile Frey foi colega de Naudé no curso de medicina, em Paris. A tradução baseou-se na versão francesa de Hannelore Baert (ver citação na apresentação). [N.T.]

TABELA DOS ASSUNTOS
PRINCIPAIS QUE SÃO
tratados nestes Conselhos

Conselhos para formar uma biblioteca dedicados ao senhor presidente de Mesme ‡

E é grato para mim que o novo canto
Ingênuos olhos entretenha e prenda.

Horácio[1]

Creio, senhor, que não vos parecerá totalmente desarrazoado que eu intitule e qualifique como coisa inédita este discurso, o qual vos ofereço com todo o afeto a que me obrigam vossa benevolência e os favores de que vos sou devedor. Pois é verdade que, entre o número quase infinito daqueles que até hoje pegaram da pena, nem um deles chegou ao meu conhecimento que tratasse dos

‡ Henri de Mesme II era conselheiro do Parlamento de Paris desde 1608. Em 1627, ano da edição do livro de Naudé, foi alçado ao importante cargo de presidente *à mortier*, assim chamado por causa do capelo (*mortier*), usado por aqueles a quem competia presidir a câmara mais importante do tribunal. Não confundir *parlement* com o sentido de assembleia legislativa. Ao traduzir o termo como 'parlamento', estamos remetendo à acepção registrada no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: "1. antigo tribunal soberano de justiça na França". O nome do patrono de Naudé aparece, em diversas publicações, dele ou sobre ele, como de Mesmes, de Mêmes e de Même; preferimos a forma de Mesme, usada pelo autor na primeira edição do *Advis* (N.T.).

preceitos a serem seguidos quanto à escolha dos livros, ao método de adquiri-los e à organização que é preciso impor-lhes para que se apresentem de forma útil e atraente numa bela e suntuosa biblioteca.

Apesar de dispormos das orientações de Juan Bautista Cardona, bispo de Tortosa, sobre como formar e manter a biblioteca real do Escorial, o fato é que ele passou tão rapidamente sobre esse tema que, embora não se possa desprezá-las, sua existência não deveria retardar o bom propósito de quem almeja esclarecer e melhor orientar os outros, na esperança de que, se não for mais bem-sucedido, a dificuldade do empreendimento não o tornará menos justificável e reprovável por falta e descrédito.

É verdade também que nem todos têm talento para tratar desse assunto apropriadamente. Além disso, o esforço e a dificuldade que enfrentamos para adquirir um conhecimento superficial de todas as artes e ciências, para nos libertarmos da submissão e da escravidão a certas opiniões que nos levam a decidir e falar de qualquer coisa conforme nossa imaginação, e avaliar apropriada e desapaixonadamente o mérito e a qualidade dos autores, são estorvos mais que suficientes para nos convencer de que se pode dizer de um bibliotecário aquilo que Justus Lipsius dizia elegantemente e muito a propósito sobre dois outros tipos de pessoas: "Cônsules são feitos todos os anos, bem como procônsules. Mas não é todos os anos que nasce um rei ou um poeta."[2]

E, se ouso, senhor, apresentar-vos estas notas e sugestões não é porque tenha o meu juízo em alta estima, ao ponto de querer impô-lo em questão tão árdua, ou que a

imodéstia me estimule a tal ponto que me leve a reconhecer em mim aquilo que só raramente se encontra nos demais. Mas minha preocupação em fazer o que seja de vosso agrado é o único motivo que me estimula a reunir aqui as opiniões que são comuns a tantas pessoas sábias e versadas no conhecimento dos livros e dos diversos métodos adotados pelos mais famosos bibliotecários, que, junto com o pouco de estudo e experiência que tenho, poderá servir para vos apresentar nestes conselhos os preceitos e métodos nos quais convém basear-se, a fim de alcançar êxito nessa bela e generosa empresa.

Portanto, senhor, após vos ter mui humildemente solicitado que atribuais este longo discurso ao candor e à sinceridade de meu afeto e não a alguma presunção de poder, mais dignamente do que outros, desincumbir-me dessa tarefa, eu vos direi francamente que, se não tiverdes o propósito de chegar ao nível da Biblioteca Vaticana ou da Ambrosiana do cardeal Borromeo, podereis tranquilizar vosso espírito, satisfazer-vos e contentar-vos em possuir livros em tal quantidade e tão bem escolhidos. Embora vossa biblioteca não chegue ao tamanho daquelas duas, ela é mais do que suficiente não apenas para atender à vossa satisfação particular e à curiosidade de vossos amigos, mas também para manter a reputação de ser uma das melhores e mais bem sortidas bibliotecas de França, pois possuís todos os livros mais importantes das principais disciplinas e um número muito grande de outros que servirão em diferentes pesquisas sobre assuntos especiais e menos comuns.

Se ambicionais porém tornar vosso nome ilustre, ao lado do nome de vossa biblioteca, e unir esse mérito ao

que empregais em todas as ocasiões com a eloquência de vosso discurso, a solidez de vosso julgamento e o brilho que levais aos mais elevados cargos e magistraturas, por vós exercidos com tanto êxito, para dar um lustro duradouro à vossa memória, e vos assegurar durante a vida poder facilmente acompanhar as diversas atribulações e reviravoltas dos séculos, para viver e destacar-se na lembrança dos homens, será preciso ampliar e aperfeiçoar todos os dias o que tão bem começastes e gradativamente fazer vossa biblioteca progredir de modo que se iguale a vosso espírito — ímpar, incomparável, bela, perfeita e completa — tanto quanto o permita o engenho daqueles que jamais fazem algo sem cometer falha ou imperfeição. "Nenhum mortal existe, que afortunado sempre, e em tudo o seja."[3]

Citações originais e fontes das traduções

1 Iuuat immemorata ferentem / ingenuis oculisque legi manibusque teneri. Horácio, *Epístolas*, I, XIX. [Trad. de Antônio Luís de Seabra. In: *Satyras e epistolas*. Porto: Em Casa de Cruz Coutinho, 1846, v. 2, p. 71.]

2 Consules fiunt quotannis et novi proconsules; solus aut rex aut poeta non quotannis nascitur. Justus Lipsius, *Electa*, I, 5. [Os versos são da autoria do poeta latino Floro. Cf. Florus. IX. In: *Minor Latin poets, with introductions and English translations by J. Wight Duff and Arnold M. Duff*. London: William Heinemann, 1934 p. 431.]

3 Nihil est ab omni parte beatum. Horácio, *Odes*, II, 16, 27-28. [Trad. de José Agostinho de Macedo. In: *Obras de Horacio*. Lisboa: Impressão Regia, 1806, p. 83).]

Capítulo I

Por que se deve ter interesse em formar bibliotecas

Ora, senhor, se considerardes válido levar a cabo tal empresa, pois a dificuldade para alcançar esse objetivo está em que seja de fácil execução, será preciso, em primeiro lugar, enunciar os preceitos que podem ser úteis nessa tarefa, deduzir e explicar as razões que provavelmente vos convencerão da vantagem que isso vos trará e que não deveis de modo algum negligenciar.

De fato, para não fugirmos do cerne da questão, o senso comum nos diz que se trata de algo louvável, generoso e digno de um espírito que aspira à imortalidade, a salvar do oblívio, conservar e restaurar, como um novo Pompeu, todas essas imagens, não de corpos, mas dos espíritos de tantos homens ilustres que não pouparam tempo nem vigília para nos legar os traços mais vivos do que de mais notável possuíam. Prática igual à que Plínio, o Jovem (que não figurava entre os menos ambiciosos dos romanos) parecia querer estimular em nós com as belas palavras de sua quinta epístola: "Parece-me algo especialmente nobre não deixar que caiam no oblívio aqueles que merecem a eternidade."[1]

Ademais, formar uma biblioteca, além de ser algo incomum e longe do trivial e do vulgar, pode vir a ser, legitimamente, um desses bons presságios de que fala Car-

dano no capítulo *De signis eximiae potentiae*. Trata-se de algo extraordinário, penoso e muito oneroso, que não pode deixar de induzir todas as pessoas a falar bem e quase com admiração de quem o realiza: "Reputação e fama são os governantes das coisas humanas," diz o mesmo autor.[2]

E, na verdade, não é de estranhar que Demétrio haja mostrado e exibido em desfile seus instrumentos de guerra e suas máquinas imensas e prodigiosas; que Alexandre, o Grande, sua maneira de montar acampamento; que os reis do Egito, suas pirâmides; e também Salomão, seu templo, e os demais, coisas similares. E Tibério assinala muito bem, na obra de Tácito, "que aos outros homens era lícito olhar só para suas conveniências particulares, mas que não era assim a condição dos príncipes, que sempre deviam ter em vista o seu bom nome e a sua fama".[3]

Assim, quanta estima devemos dedicar a quem desprezou essas invenções, supérfluas e inúteis para a maioria, e acreditou e concluiu que não havia meio mais honrado e seguro para conquistar uma grande reputação entre os povos senão estabelecer belas e magníficas bibliotecas, para depois destiná-las e consagrá-las ao uso do público? Também é verdade que tal esforço jamais enganou ou decepcionou aqueles que souberam bem administrá-lo. Sempre se reconheceu que isso seria importante não apenas para os particulares, que disso se beneficiaram — como Richard de Bury, Bessarion, Vincenzo Pinelli, Sirletto, o senhor Henri de Mesme, vosso avô de tão feliz memória,‡ o cavalheiro in-

‡ Refere-se a Henri de Mesme I (1531–1596), filho de Jean-Jacques de Mesme. Ambos legaram a Henri de Mesme II (1600–1653), o patrono de Gabriel Naudé, uma rica biblioteca. [N.T.]

glês Bodley, o finado senhor presidente de Thou, e inúmeros outros — e também para os mais ambiciosos, que sempre almejaram valer-se desse esforço para coroar e aperfeiçoar todas suas boas ações, como a aduela que fecha a abóbada e serve de lustro e ornamento ao resto do edifício.

Em apoio ao que afirmo, não preciso de mais provas e testemunhos senão os dos grandes reis do Egito e de Pérgamo, de Xerxes, Augusto, Lúculo, Carlos Magno, Alfonso de Aragón, Matias Corvino, e o grande rei Francisco I. Todos (entre o número quase infinito de monarcas e potentados que também se valeram dessas astúcias e estratagemas) desejaram e se esforçaram para reunir uma grande quantidade de livros e formar bibliotecas admiráveis e bem-sortidas. E não porque carecessem de outros motivos de louvor e fama, pois haviam conquistado inúmeros triunfos com suas grandes e decantadas vitórias, mas porque não ignoravam que as pessoas "cujas mentes e espíritos somente anseiam pela glória"[4] não devem negligenciar nada que possa facilmente elevá-las ao grau supremo e soberano de estima e reputação. Ademais, se se perguntasse a Sêneca quais deveriam ser os feitos desses gênios fortes e poderosos, que parece terem sido postos no mundo somente para obrar milagres, ele responderia infalivelmente que "nenhum homem de espírito elevado sente atração por ocupações vis e abjetas; em contrapartida, a contemplação da verdadeira grandeza atrai e eleva até si".[5]

Por isso, senhor, creio apropriado, pois sois preeminente em tudo que é importante, que jamais vos contenteis em ficar na média no que é bom e louvável, e, ademais, como nada tendes de subalterno e vulgar, que também pre-

zais acima de todos os demais a honra e a reputação de possuir uma biblioteca que seja a mais perfeita, a mais bem provida e organizada de vosso tempo. Finalmente, se essas razões não possuírem força suficiente para levá-lo a tal empreendimento, tenho certeza de que pelo menos a promessa de satisfação pessoal será suficientemente forte para convencê-lo disso. Pois, se é possível possuir neste mundo algum bem superior, alguma felicidade perfeita e completa, creio certamente que nada há de mais desejável do que a fruição proveitosa e o agradável deleite que pode obter de tal biblioteca um homem sábio, que não esteja interessado em possuir livros "como ornamentos das salas de jantar", mas como "instrumentos de estudo".[6]

Por causa dessa biblioteca, o indivíduo pode, mui merecidamente, nomear-se cosmopolita ou habitante do mundo, pode tudo saber, tudo ver e nada ignorar, pois, em suma, é mestre absoluto desse contentamento, de que pode dispor segundo sua imaginação, servir-se dele quando quiser, deixá-lo quando lhe aprouver, conservá-lo tanto quanto lhe parecer bom, e que, sem contradita, sem trabalho e sem esforço, pode instruir-se e conhecer as particularidades mais precisas de

> Tudo o que é, que foi, e que pode vir a ser
> Em terra, no mar, no mais recôndito dos céus.[7]

Resumindo essas razões, e muitas outras, que podeis expressar mais facilmente do que terceiros, direi então que não pretendo com elas vos comprometer com uma despesa supérflua e inegavelmente excessiva, pois não compartilho a opinião de quem acredita que o ouro ou a prata são os

principais nervos de uma biblioteca, convencidos (ao valorizar os livros apenas pelo preço que custaram) de que nada de bom se pode conseguir se não houver custado caro. Tampouco tenho a intenção de convencer-vos de que seja possível formar esse grande acervo sem custo e sem abrir a bolsa, reconhecendo que as palavras de Plauto são tão verdadeiras a propósito disso quanto em muitas outras situações: "Quem procura lucrar precisa gastar".[8]

Antes, porém, mostrar-vos-ei, com este discurso, que existe uma infinidade de outros meios que se podem empregar com muito mais facilidade e menos despesas para alcançar finalmente o objetivo que vos proponho.

Citações originais e fontes das traduções

1 Mihi pulchrum in primis videtur non pati occidere, quibus aeternitas debeatur. Plínio, o Jovem, *Epístolas*, v, 8, 1 a.

2 Existimatio autem et opinio rerum humanarum reginae sunt. Girolamo Cardano, *De utilitate ex adversitate capienda*, 3, 25 (*De signis eximiae potentiae et gloriae*).

3 Ceteris mortalibus in eo stare consilia quid sibi conducere putent principum diversam esse sortem quibus praecipua rerum ad famam derigenda. Tácito, *Anais*, iv, 40, i. [Trad. de J.L. Freire de Carvalho. In: *Anais*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1950, p. 178.]

4 Tu sola animos mentesque peruris, Gloria. Valério Flaco, *Argonautica*, 1, 76-77.

5 Neminem excelsi ingenii virum humilia delectant et sordida; magnarum rerum species ad se vocat et extollit. Sêneca, *Epístolas morais*, 39, 2. [Trad. de J.A. Segurado e Campos. In: *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 135.]

6 Non studiorum instrumenta sed cenationum ornamenta. Sêneca, *De tranquilitate animi*, 9, 9. [Trad. de José Eduardo S. Lohner. In *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma: diálogos*. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2014, p. 82.]

7 Naudé não indica a autoria. O autor dos versos — *Tout ce qui est, qui fut, et qui peut être / en terre, en mer, au plus caché des cieux* — é Guy du Faur seigneur de Pibrac (1529–1584). Cf. nota 11, p. 91,

da tradução espanhola. O tradutor da edição inglesa de 1950 registrou como de Virgílio, de quem são os versos: "Deum namque ire per omnes / Terrasque, tractusque maris, cælumque profundum" (Deus ia a todas as terras, e aos espaços do mar e ao céu profundo). (*Geórgicas*, 4, 222).

8 Necesse est facere sumptum qui quaerit lucrum. Plauto, *Asinaria*, 217, I, III, 65.

Capítulo II

De como se informar e saber o que é preciso para formar uma biblioteca

Considero, senhor, que, entre as possibilidades existentes, nada há de mais útil e necessário, antes de avançar nessa empresa, do que se informar quanto à ordem e ao método a serem cuidadosamente observados para alcançar o objetivo. Para isso há dois caminhos bastante fáceis e seguros: o primeiro consiste em aceitar as instruções e a orientação de quem esteja apto a oferecê-las, planejando e nos estimulando de viva voz, por serem pessoas cultas, sensatas e judiciosas, que podem falar com conhecimento de causa, discorrer e argumentar corretamente sobre todas as coisas. Pessoas que, também, por perseguirem objetivo similar, são reputadas por serem bem-sucedidas, e porque agem com mais diligência, cautela e discernimento do que outras. Assim, são exemplos, hoje em dia, os senhores de Fontenay, Halé, Dupuy, Ribier, de Cordes e Moreau, que não podemos deixar de emular, pois, como diz Plínio, o Jovem: "Seria extremamente tolo não propor para si próprio os melhores modelos".[1]

E, no que vos concerne, a variedade dos procedimentos por eles adotados poderá sempre conter instruções e esclarecimentos novos, que, talvez, não sejam inúteis para o

progresso e desenvolvimento de vossa biblioteca, tanto na procura de bons livros, quanto na busca do que existe de mais interessante em cada um dos que possuirdes.

O segundo caminho consiste em consultar e recolher atentamente os poucos preceitos que podem ser extraídos dos livros de alguns autores que, de modo superficial e quase negligente, versaram sobre essa matéria. Por exemplo, a orientação de Bautista de Cardona, o *Philobiblon*, de Richard de Bury, a biografia de Vincenzo Pinelli, o livro de Possevino *De cultura ingeniorum*, o livro que Lipsius escreveu sobre bibliotecas, e todos os diversos sumários, índices e catálogos.

Também seria preciso observar as maiores e mais renomadas bibliotecas formadas até hoje, se quisermos seguir o conselho e o preceito de Cardano, "Os homens em quem mais se deve acreditar sobre qualquer assunto são aqueles que levam em si o melhor exemplo disso".[2] Por conseguinte, não se deve omitir nem negligenciar a transcrição de todos os catálogos, não apenas de grandes e renomadas bibliotecas — antigas ou modernas, públicas ou particulares, nacionais ou estrangeiras —, mas também de estúdios e gabinetes, que, por não serem muito conhecidos ou frequentados, permanecem sepultos sob perpétuo silêncio. Isso de modo algum soará estranho ou inédito, se forem tidos em conta quatro ou cinco motivos principais que me levam a fazer tal proposta.

O primeiro desses motivos está na impossibilidade de emular outras bibliotecas, se não se conhecer, por meio dos catálogos que delas foram compilados, o que contêm. O segundo é porque os catálogos podem nos informar a res-

peito do lugar, da data e do formato da edição dos livros. O terceiro motivo está em que um espírito generoso e nobre deve ter o desejo e a ambição de reunir, como em um bloco, tudo o que os outros possuem separadamente, "reunindo aquelas coisas que, separadas, fazem as pessoas felizes".[3] O quarto, porque, na impossibilidade de fornecer a um amigo o livro que ele penosamente procura, pode-se indicar-lhe facilmente, graças a esses catálogos, o lugar exato onde poderá encontrar um exemplar.

Finalmente, devido à impossibilidade de, somente por nossos próprios meios, saber e conhecer as qualidades do número tão grande de livros que é preciso possuir, não será desarrazoado acompanhar o julgamento dos mais versados e entendidos nessa matéria. Por conseguinte, uma vez que esses livros foram reunidos e comprados por tais pessoas, é bastante provável que mereçam ali estar devido a alguma circunstância que ignoramos. E, com efeito, posso afirmar, sem faltar à verdade, que nas vezes em que, durante um período de dois ou três anos, tive a honra de me encontrar com o senhor de F. nas livrarias, vi, amiúde, ele adquirir livros tão velhos e tão mal encadernados e mal impressos que isso me causava, ao mesmo tempo, admiração e espanto, até que um dia ele se deu ao trabalho de me contar o motivo e as circunstâncias que o faziam comprá-los. Suas razões e explicações me pareceram tão pertinentes que jamais deixarei de acreditar que ele é o mais versado no conhecimento dos livros e que deles fala com mais experiência e tirocínio do que nenhum outro, não somente em França, mas no mundo inteiro.

Citações originais

1 Nam stultissimum credo ad imitandum non optima quaeque proponere. Plínio, o Jovem, *Cartas*, I, 5, 13.
2 His maxime in unaquaque recredendum est qui ultimum de se experimentum dederint. Girolamo Cardano, *De utilitate ex adversis capienda*, III, cap. 22 ("De contemptu").
3 Et quae divisa beatos / efficiunt, collecta tenes. Claudiano, *In primum consulatum Stilichonis*, I, 33-35.

Capítulo III

A quantidade de livros de que a biblioteca precisa

Essa primeira dificuldade, tendo sido assim enunciada e explicada, a que se lhe segue e mais atrai nossa atenção é a que nos obriga a pesquisar se convém reunir uma enorme quantidade de livros e tornar célebre a biblioteca, senão pela sua qualidade, pelo menos pela inigualável e prodigiosa quantidade de volumes. Pois, em verdade, muitos são de opinião que os livros são comparáveis às leis e sentenças dos magistrados, que "são admiradas por seu peso e qualidade, não por seu número"[1] e que somente pode discorrer sobre algum ponto da doutrina aquele que pelo menos se ocupou com a diversidade de leituras produzidas pelos autores que disso trataram. E, com efeito, parece que os belos preceitos e advertências morais de Sêneca:[2]

> Assim, disponhamos dos livros em quantidade suficiente, não para decoração. / A quantidade sobrecarrega quem está aprendendo, não o instrui, e vale muito mais entregar-se a poucos autores do que vaguear por muitos.[2] // Como não poderás ler tudo quanto possuis. contenta-te em possuir apenas o que possas ler.[2a]

e vários outros conselhos semelhantes, que ele nos oferece em cinco ou seis passagens de suas obras, podem de certa forma apoiar e reforçar essa opinião com a autoridade

desse grande personagem. Mas, se quisermos rebatê-la por completo, a fim de estabelecer a nossa como mais provável, bastaria basearmo-nos na diferença que há entre o trabalho de uma pessoa e a ambição de quem deseja se exibir por meio de sua biblioteca, ou entre quem almeja simplesmente satisfazer a si próprio e aquele que busca apenas contentar e satisfazer ao público.

É certo, pois, que todas essas razões precedentes visam somente à instrução de quem deseja, criteriosamente e com ordem e método, progredir na carreira escolhida ou, ao contrário, à condenação daqueles que se dão ares de sábios e se fingem de capazes, embora não consigam enxergar nessa enorme quantidade de livros que reuniram mais do que os corcundas (com os quais o rei Alfonso costumava compará-los) conseguem enxergar nas enormes bossas que levam às costas. O que é corretamente censurado por Sêneca nas passagens acima citadas e, de forma mais contundente, ao dizer, "Para que incontáveis livros e bibliotecas, se o dono, durante toda a sua vida, mal pôde ler os títulos?",[3] como também por este epigrama que Ausônio, com muita graça e simplicidade, dirige a Filomuso:[4]

> Tu que com livros comprados recheaste tua biblioteca
> Pensas que aprendeste e a gramática dominaste?
> Então, provido de cordas, alaúdes, arcos agora comprados
> Amanhã te julgarás músico.

Mas vós, senhor, que tendes a reputação de saber mais do que foi possível a alguém ensinar-vos e que se priva de outros tipos de satisfação, a fim de deleitar-se e mergulhar por inteiro no prazer de cortejar os bons autores, é a vós

que compete apropriadamente possuir uma biblioteca das mais majestosas e das mais amplas que jamais existiram, de modo que jamais se venha a dizer que, por falta de um pouco de atenção ao oferecer essa biblioteca ao público e a vós mesmo, todas as ações que realizou em vossa vida não conseguiram superar os feitos heróicos das figuras mais ilustres.

Por isso é que sempre afirmarei ser muito apropriado colecionar, com essa finalidade, todas as espécies de livros (tomadas certas precauções, no entanto, que exporei em seguida), pois uma biblioteca formada para uso do público deve ser universal, e não o será se não contiver todos os principais autores que escreveram sobre a grande diversidade de assuntos e, principalmente, sobre todas as artes e ciências.

Dentre esses livros deve-se considerar a enorme quantidade de títulos encontrados no *Panepistemon*, de Angelo Poliziano, ou outro catálogo que seja bastante exato e de compilação recente. Não tenho dúvida alguma de que, a julgar pela enorme quantidade de livros que se encontram comumente em dez ou doze bibliotecas, seria preciso possuir um grande número deles para satisfazer a curiosidade dos leitores de todas elas.

Não me surpreende, portanto, em absoluto, que Ptolomeu, rei do Egito, haja reunido, com essa finalidade, não

* Sêneca, *Da tranquilidade da alma*, 9, 5; Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas*, xii, 2; Aulo Gélio, *Noites áticas*, vii, 17, 3; Marcantonio Coccio, *Secundus tomus opreum M. Antonii Cocci Sabellicci*, Bâle, 1560, ii p. 165 a; Raffaello Maffei Volaterrano, *Commentariorum*; Alessandro Alessandri, *Genialium dierum libri sex*, ii, 30; Joannis Zonaras, *Annales*; Plutarco, *Vida de Sila*, 34, 4.

cem mil volumes, como disse Cedreno, não quatrocentos mil, como afirmou Sêneca, não quinhentos mil, como assegura Josefo, mas setecentos mil, como testemunham e estão de acordo Aulo Gélio, Ammiano Marcellino, Sabelico e Volaterrano; ou que Eumenes, filho de Átalo, haja colecionado duzentos mil, Constantino, cento e vinte mil; Sammonico, preceptor do imperador Gordiano, o jovem, sessenta e dois mil; Epafrodito, simples gramático, trinta mil, e que Richard de Bury, o senhor de Thou e o cavalheiro Bodley tenham reunido tantos que só o catálogo de qualquer uma de suas bibliotecas chega a formar um volume avantajado.

É preciso também reconhecer que nada há que torne uma biblioteca mais recomendável do que a pessoa ali encontrar tudo que procura e que não foi achado alhures. Por isso, é preciso aceitar a máxima segundo a qual não existe livro algum, por pior e mais desprezado que seja, que, com o passar do tempo, não venha a ser procurado por alguém, pois, como diz o poeta satírico:

> Há milhares de tipos de homens, e as coisas podem ser usadas de todas as formas;
> Cada um tem sua própria vontade; nem todos louvam um único propósito[5]

e que há leitores como os três convivas de Horácio,

> de paladar diverso, que mui diversas iguarias pedem,[6]

e as bibliotecas não podem ser comparadas a nada melhor do que o prado de Sêneca, onde cada animal encontra aquilo que precisa: o boi, a erva; o cão, a lebre; a cegonha, o lagarto.[7] E, ademais, é preciso ainda crer que todo homem que esteja em busca de um livro julga-o bom, e, por assim

julgá-lo sem poder encontrá-lo, é forçado a imaginar que seja interessante e muito raro. Assim, quando, por fim, o encontra em uma biblioteca, ele se convence facilmente de que seu dono conhecia tão bem esse livro quanto ele, e o comprara por causa das mesmas intenções que o estimularam a procurá-lo, e, por conseguinte, desenvolve uma estima sem igual pelo dono e sua biblioteca.

Essa opinião, depois de difundida, necessita apenas de poucos episódios similares, acrescida da opinião do vulgo, "que toma por bom o que apenas parece grande",[8] para satisfazer e recompensar um homem que, em termos de honrarias e glórias, o que recebe é muito pouco para justificar todas suas despesas e esforços. E, ademais, se se levam em conta tempos, lugares e invenções novas, ninguém de bom senso duvidará de que é muito mais fácil atualmente possuir milhares de livros do que era para os antigos possuir centenas deles. Seria para nós, portanto, uma vergonha e uma exprobração eterna sermos inferiores a eles nesse particular, em que podem ser superados com tanta vantagem e facilidade.

Finalmente, como a qualidade dos livros faz aumentar em muito o prestígio de uma biblioteca entre aqueles que possuem os meios e o tempo para conhecê-la, é preciso também reconhecer que a mera quantidade de livros lhe traz renome e reputação, tanto entre os estrangeiros e viajantes quanto entre muitos outros que não dispõem de tempo nem de oportunidade para examinar, com vagar e interesse, seu acervo. De fato, a grande quantidade de volumes lhes permite avaliar prontamente que deve haver uma infinidade de livros bons, valiosos e notáveis. No entanto,

para não deixar indefinida essa quantidade, e também para não desestimular os curiosos que estejam interessados em levar a cabo esse belo empreendimento, parece-me apropriado fazer como os médicos que receitam a quantidade de remédios segundo a qualidade destes, e afirmar que não se pode deixar de colecionar todos os que possuam as qualidades e preencham as condições exigidas para serem colocados na biblioteca.

Para conhecer essas condições é preciso lançar mão de muitos princípios e cuidados que possam ser adotados mais facilmente, quando oportuno, por quem possua grande experiência com livros e que avalie, sábia e desapaixonadamente, todos os assuntos expostos em forma escrita, pois eles são quase infinitos, e, falando francamente, alguns contrariam opiniões correntes e chegam ao paradoxo.

Citações originais e fontes das traduções

1 Aestimantur pondere et qualitate, non numero. Naudé não informa a fonte. O tradutor da edição inglesa e Hannelore Baert (Gent, 2006) sugerem que a citação foi inspirada em Gaius: “eorumque vis et potestas non in numero erat, sed in pondere” (*Institutiones iuris civilis*, lib. I, par.122). O tradutor espanhol remete para Sêneca, *De vita beata*, 20, 4: “non numero nec pondere beneficia nec ulla nisi accipientis aestimatione perpendam” (Não medirei os benefícios nem pelo número, nem pelo peso, mas apenas pela estima que eu tiver de quem os receber) na tradução de João Teodoro d’Olim Marote (*Sobre a vida feliz (De vita beata*). São Paulo: Nova Alexandria, 2005, p.72.

2 Paretur librorum quantum satis est, nihil in apparatum. / Onerat discentem turba, non instruit, multoque satius / est paucis te auctoribus tradere, quam errare per multos. Sêneca, *De tranquilitate animi*, 9, 4. [Trad. de José Eduardo S. Lohner. In: *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma: diálogos*. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2014, p. 82.]

2a Quum legere non possis quantum habueris, sat est habere quantum legas. Sêneca, *Epístolas morais*, 2, 3. [Trad. de J.A. Segurado

e Campos. In: *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 3.]

3 Quo innumerabiles libros et bybliothecas, quarum dominus vix tota vita indices perlegit? Sêneca, *Da tranquilidade da alma*, 9, 4. [Trad. de Trad. de José Eduardo S. Lohner. In: *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma: diálogos*. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2014, p. 82.]

4 Emptis quod libris tibi bibliotheca referta est, / doctum et grammaticum te, Philomuse, putas? / hoc genere et chordas et plectra et barbita condes: /omnia mercatus eras citharoedus eris. Ausônio, *Epigrammata*, 44.

5 Mille hominum species et rerum discolor usus; / velle suum cuique est, nec voto vivitur uno. Pérsio, *Sátiras*, v, 52-53.

6 Poscentes vario multum diversa palato. Horácio, *Epístolas*, II, 2, 62. [Trad. de Antônio Luís de Seabra. In: *Satyras e epistolas*. Porto: Em Casa de Cruz Coutinho, 1846, v. 2, p. 98.]

7 Bos herbam quaerit, canis leporem, ciconia lacertam. Sêneca, *Epístolas morais*, 108, 29. [Trad. de J.A. Segurado e Campos. In: *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 600.]

8 Et vulgo bona pro magnis sunt. *Epístolas morais*, 118, 7. [Trad. de J.A. Segurado e Campos. In: *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 661.]

Capítulo IV

Da qualidade e estado que os livros devem ter

Direi, no entanto, para nada omitir sobre o que nos deve servir de guia e farol nessa busca, que a primeira regra a ser observada é a de formar, antes de tudo, uma biblioteca de todos os melhores e principais autores, antigos e modernos, nas melhores edições, em obras completas ou volumes soltos, e acompanhados dos mais sábios e melhores intérpretes e comentadores, em cada área do saber, sem esquecer as que são as menos comuns e, por conseguinte, mais interessantes. Assim, por exemplo, as diversas bíblias, as dos Pais da Igreja e dos concílios, no que tange ao conjunto da teologia; as obras de Nicolau de Lira, Hugo, Tostado, Salmerón, para a teologia positiva; de santo Tomás, Occam, Durando, Pierre Lombard, Henrique de Ghent, Alexandre de Hales, Egidio Colonna, Alberto Magno, Auriol, Burleigh, Capréole, Major, Vázquez, Suárez, para a escolástica; o *corpus* do direito civil e canônico; Baldo, Bartolo, Cujas, Alciato, Dumoulin, para o direito; de Hipócrates, Galeno, Paulo de Egina, Oribásio, Aecio, Trales, Avicena, Abenzoar, Fernel, para a medicina; Ptolomeu, Fírmico, Abenragel, Cardano, Stöffler, Gaurico, Giuntini, para a astrologia; Alhazen, Witelo, Bacon, Aguilon, para a óptica;

Diofante, Boécio, Jordanus, Tartaglia, Silíceo, Luca Pacioli, Villefranche, para a aritmética; Artemidoro, Albumazar, Sinésio, Cardano, para os sonhos; e assim por diante com todos os outros, que seria muito longo e trabalhoso especificar e nomear precisamente.

Em segundo lugar, incluir todos os antigos e novos autores dignos de consideração, na língua original e também no idioma daqueles que deles se servirão: as bíblias e textos rabínicos em hebraico, os Pais da Igreja em grego e latim, Avicena em árabe, Boccaccio, Dante e Petrarca em italiano, e também suas melhores traduções latinas e francesas, ou as que sejam encontradas, para o uso de muitas pessoas que desconhecem línguas estrangeiras. As primeiras porque é muito conveniente possuir, no original, sem artifício ou disfarce, as fontes de onde fluem tantas correntes, e também porque é comum encontrar nessas fontes uma certa eficácia e riqueza de concepções cujo brilho é impossível reter e conservar, a não ser na língua original, como ocorre com as pinturas em sua própria luz, para não falar da eventual necessidade de fazer a verificação de textos e passagens muitas vezes controversos ou postos em dúvida.

Em terceiro lugar, os autores que melhor estudaram qualquer uma das partes de uma ciência ou área do conhecimento, como Bellarmino para as controvérsias teológicas, Toledo e Azpicuelta, os casos de consciência, Vesalio, a anatomia, Mattioli, a história das plantas; Gesner e Aldrovandi, a dos animais, Rondelet e Salviani, a dos peixes, Vimercati, os meteoros, etc.

Em quarto lugar, todos aqueles que melhor comentaram ou explicaram determinado autor ou livro, como, por

exemplo, Benito Pereira, o Gênese; Villalpando, Ezequiel; Maldonado, os Evangelhos; Monllor e Zabarella, os *Analíticos*; Scaliger, a *História das plantas*, de Teofrasto; Proclo e Marsilio Ficino, Platão; Alexandre e Temístio, Aristóteles; Rivault de Flurance, Arquimedes; Téon e Campano, Euclides; Cardano, Ptolomeu, e assim por diante em relação a todas as espécies de livros e tratados, antigos ou modernos, que hajam encontrado seus intérpretes e comentadores.

Em seguida, todos os que escreveram e fizeram livros e tratados sobre qualquer assunto em particular, seja de um ponto de vista genérico ou específico, como Tomás Sánchez, que tratou extensamente do matrimônio; Saincte e Duperron, sobre a Eucaristia; Gilbert, sobre magnetismo; Maier, *De volucri arborea*; Scortia, Wendelin e Nogarola, sobre o Nilo; em suma, todos os tipos de tratados sobre direito, teologia, história, medicina ou qualquer outra obra que seja, com a ressalva, não obstante, que se dê preferência à que mais se aproxime da profissão seguida pela pessoa.

Virão depois todos que, com êxito, escreveram contra qualquer ciência ou que se opuseram com mais erudição e paixão (sem, no entanto, em nada inovar ou mudar princípios) aos livros de alguns dos autores mais célebres e renomados. Por isso é que não devem ser negligenciados Sexto Empírico, Sánchez e Agripa, que professaram a subversão de todas as ciências; Pico della Mirandola, que soube, de modo tão sábio, refutar os astrólogos; Eugubino, que fulminou a impiedade dos sacrílegos e irreligiosos; Morisot, que pôs fim aos desmandos dos químicos; Scaligero, que teve tanto êxito ao se opor a Cardano, de modo que em alguns lugares da Alemanha ele hoje tem mais seguidores do que

o próprio Aristóteles; Casaubon, que ousou atacar os Anais daquele grande cardeal Baronio; Argenterio, que atacou Galeno; Thomas Erastus, que, com competência, refutou Paracelso; Charpentier, que tão vigorosamente se opôs a Ramus; e finalmente todos os que se empenharam em semelhante duelo e que estão de tal modo ligados entre si, de maneira que seria um grande erro lê-los separadamente, assim 'como seria julgar e ouvir uma parte sem a outra, ou um contrário sem o seu opositor'.

Tampouco se devem omitir os que inovaram ou mudaram alguma coisa nas ciências, pois, na realidade, seria estimular a servidão e a fraqueza de nosso espírito se ocultássemos, com desprezo, o escasso conhecimento que temos desses autores com a desculpa de terem se oposto aos antigos e por terem sabiamente examinado aquilo que os outros tinham por costume aceitar como tradição. Recentemente mais de trinta ou quarenta autores de nomeada se declararam contra Aristóteles; desde Copérnico, Kepler e Galileu mudaram por completo a astronomia; Paracelso, Severinus, o Danês, Chesne e Croll, a medicina; e vários outros introduziram princípios novos e sobre eles formularam ideias surpreendentes, inéditas e nunca imaginadas.

Por isso, afirmo que todos esses autores são imprescindíveis em uma biblioteca, pois, como se costuma dizer,

> a novidade é a mais apreciada de todas as coisas,[1]

e, para não insistir em motivo tão frágil, é certo que o conhecimento desses livros é tão útil e frutífero para quem souber refletir sobre eles e tirar proveito de tudo quanto vê que isso lhe propiciará mil novas perspectivas e ideias,

que, recebidas por um espírito aberto, universal e livre de preconceitos — que não seja "obrigado a jurar fidelidade às palavras de mestre algum"[2] — permitir-lhe-ão discorrer sobre todas as coisas, eliminarão o deslumbramento, que é o verdadeiro sinal de nossa fraqueza, e o acostumarão a raciocinar a respeito de tudo que se apresente, com muito mais juízo, previsão e resolução do que o fazem outras pessoas letradas e meritórias.

É preciso, igualmente, levar em conta na escolha dos livros se são os primeiros que foram escritos sobre o assunto de que tratam, pois acontece com o conhecimento humano o mesmo que acontece com a água, que nunca é mais mais bela, mais clara e mais límpida do que na nascente. Toda invenção provém dos primeiros e a imitação, com repetições, dos outros. Nota-se isso, com efeito, em Reuchlin, o primeiro a escrever sobre a língua hebraica e a Cabala; em Budé, sobre a língua grega e as moedas; em Bodin, sobre a República; em Cocles, sobre a fisiognomia; em Pierre Lombard e santo Tomás sobre a teologia escolástica. Eles foram mais bem-sucedidos do que muitos outros que se ocuparam em escrever depois deles sobre os mesmos temas.

É preciso também levar em conta se os assuntos de que se ocupam são triviais ou pouco comuns, tratados de modo a despertar interesse ou de forma desleixada, se são espinhosos ou fáceis, posto que se pode aplicar aos livros interessantes e novos o que se diz de tudo que não é vulgar:

> As coisas raras são mais prazerosas, assim como as primícias
> do pomar com certeza agradam mais,
> Assim como as rosas invernais têm mais encanto e encontram
> melhor preço.[3]

Levando em conta este preceito, deve-se, portanto, abrir as bibliotecas para que recebam, em primeiro lugar, aqueles autores que escreveram sobre assuntos pouco conhecidos e que não foram ainda estudados, a não ser de modo fragmentário e desconexo, como é o caso de Liceti, que escreveu *De spontaneo viventium ortu* e *De lucernis antiquorum*, de Tagliacozzi, que escreveu sobre como reparar narizes cortados, e o de Libavius e Goclenius, sobre unguento magnético.

Em segundo lugar, todos os livros interessantes e pouco comuns, como os de Cardano, Pomponazzi, Bruno e todos os que tratam da cabala, da memória artificial, da arte de Llull, da pedra filosofial, de adivinhações e matérias similares. A maioria desses livros nada ensina, exceto coisas vãs e inúteis, e eu os considero como escolhos no caminho de quem se ocupa com eles. Apesar disso, no entanto, se for para contentar tanto os espíritos fracos quanto os fortes, e satisfazer pelo menos aos que desejam vê-los, para poder refutá-los, será preciso colecioná-los e tê-los entre os outros livros da biblioteca, assim como as serpentes e as víboras se encontram entre os outros animais, o joio no trigo, e os espinhos entre as rosas, à imitação do mundo natural onde essas coisas inúteis e perigosas contribuem para culminar a obra-prima e o projeto de sua composição.

Essa máxima nos deve levar a outra de igual consequência, que é a de não negligenciar absolutamente todas as obras dos principais heresiarcas ou adeptos de religiões novas diferentes da nossa, que é a mais comum e mais venerada, por ser a mais justa e verdadeira. É evidente que os primeiros desses autores (para não falar dos contemporâneos) foram escolhidos e retirados dentre os mais sábios perso-

nagens do século precedente. Não sei qual foi a fantasia e o excessivo amor à novidade que os levaram a largar a batina e o estandarte da Igreja romana para se envolver com o de Lutero e Calvino. E não descuidar dos contemporâneos que somente são admitidos no exercício de seu ministério depois de longo e exigente exame nas três línguas da sagrada Escritura e sobre os principais pontos de filosofia e teologia. É bastante provável, repito, que, excetuadas as passagens controversas, eles podem às vezes concordar com os outros, como em muitos tratados pouco importantes sobre os quais trabalham muitas vezes com grande engenho e satisfação.

Tendo em vista que é preciso que nossos doutores possam encontrar essas obras em algum lugar, para refutá-las; tendo em vista que o senhor de T. não colocou objeções a colecioná-las; tendo em vista que os antigos Pais e Doutores da Igreja as tinham à mão; tendo em vista que muitos religiosos as conservam em suas bibliotecas; tendo em vista que não causa escrúpulo algum possuir um Talmude ou um Alcorão, que vomitam mil blasfêmias contra Jesus Cristo e nossa religião, muito mais perigosos do que os dos heréticos; tendo em vista que Deus nos permite tirar proveito de nossos inimigos, seguindo aquilo que é dito pelo salmista, "salvação que nos liberta dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam";[4] tendo em vista que não podem ser prejudiciais senão aos que, destituídos de boa conduta, se deixam levar pelo primeiro vento que sopra e procuram a sombra de um abrigo improvisado; e, para concluir em uma palavra, tendo em vista que a intenção que determina todas nossas ações para o bem ou para o mal não seja de modo algum tendenciosa ou de censura, creio que não seria

extravagante nem perigoso ter na biblioteca (sob a caução de licença e permissão obtidas de quem de direito) todas as obras dos mais sábios e famosos heréticos, como Lutero, Melanchthon, Bugenhagen, Bucer, Calvino, Bèze, Daneau, Walther, Wirth, Paré, Bullinger, Marlorat, Chemnitz, Bernardino Ochino, Pietro Martire Vermigli, Mathias Flacius, Osiander, Musculus, os centuriadores, François du Jon, Mornay, du Moulin, e também vários outros de menor consequência, "que sepulta escura fama".[5]

É preciso igualmente ter como máxima que todas as obras reunidas e as coleções dos diversos autores que escreveram sobre um mesmo assunto, como o Talmude, os concílios, as obras dos Pais da Igreja, *Thesaurus criticus*, *Scriptores germanici*, *Turcici*, *Hispanici*, *Gallici*, *Catalogus testium veritatis*, *Monarchia imperii*, *Opus magnum de balneis*, *Authores gyneciorum*, *De morbo neapolitano*, *Rhetores antiqui*, *Grammatici veteres*, *Oratores Graeciae*, *Flores doctorum*, *Corpus poetarum*, todos enfim que contêm semelhantes coletâneas devem necessariamente ser incluídos nas bibliotecas. Em primeiro lugar porque nos poupam o esforço de sair à procura de uma infinidade de livros extremamente raros e interessantes; em segundo lugar, porque abrem lugar para muitos outros e aliviam a pressão sobre a biblioteca; em terceiro lugar porque reúnem para nós, em um volume, comodamente, aquilo que seria preciso buscar com muito mais esforço em vários lugares; e, finalmente, porque representam uma grande economia, sendo certo que não seriam necessários tantos tostões para comprá-los quanto escudos para ter separadamente todos os que ali estão contidos.

Considero ainda, como preceito tão indispensável quanto os precedentes, que é preciso separar e escolher entre o grande número dos que escreveram e escrevem diariamente aqueles autores que surgem como uma águia nas nuvens, ou como um astro brilhante e luminoso entre as trevas; refiro-me a esses espíritos incomuns,

> aqueles cujas bocas proferem palavras que a
> posteridade inteira converte em máximas[6]

e a quem podemos recorrer por serem mestres muito perfeitos, conhecedores de todas as coisas, e às suas obras como se fossem um viveiro de todo tipo de aptidão, para enriquecer a biblioteca não somente com todos seus livros, mas também com os menores fragmentos, folhas soltas e palavras que lhes escapam. Mau emprego do espaço e do dinheiro seria querer reunir todas as obras e não sei qual lixo mais de certos autores vulgares e desprezíveis.

Também seria evidente esquecimento e falta indesculpável para com aqueles que fazem profissão de possuir todos os melhores livros desprezar, por exemplo, alguma obra de Erasmo, Chacón, Onofrio Panvinio, Turnèbe, Lipsius, Génébrard, Antonio Agustín, Casaubon, Saumaise, Bodin, Cardano, Patrizi, Scaligero, Mercuriale e outros, obras que é preciso aceitar de olhos fechados, sem hesitar, reservando nosso julgamento para não sermos enganados quanto a livros elementares de autores muito mais toscos e vulgares. Mesmo porque não se pode possuir em excesso o que é bom e escolhido a dedo, e tampouco o mínimo que seja do que é ruim, sem a esperança de isso vir a ter alguma utilidade ou benefício evidentes.

Não podem ser deixadas de lado as diversas espécies de obras de uso corrente, como dicionários, miscelâneas, crestomatias, coletâneas de máximas e outros tipos de repertórios, pois oferecem muito caminho já percorrido e material pronto para quem estiver apto a usá-lo com proveito. É verdade que há muitas pessoas que fazem maravilhas ao falar e escrever sem que hajam absolutamente visto outros volumes a não ser esses que acabamos de mencionar. Por isso é comum dizer-se que o calepino — termo que se aplica a todos os tipos de dicionários — é o ganha-pão dos professores, e ainda acrescentaria que é também o de muitas personalidades famosas. Para isso não me faltaria razão, pois uma delas, muito célebre, possuía mais de cinquenta dessas obras, onde estudava perpetuamente. Ao se deparar com uma palavra difícil na abertura do livro dos *Equívocos*, que lhe fora então apresentado, recorreu incontinente a um desses dicionários e dele transcreveu mais de uma página de texto na margem do dito livro, tudo isso na presença de um amigo comum, a quem não pôde deixar de dizer que aqueles que vissem essa anotação acreditariam facilmente que ele tinha levado mais de dois dias para compô-la, quando, na realidade, isso somente lhe havia custado o esforço de copiá-la.

No que me concerne, acho essas coletâneas muito úteis e necessárias, tendo em vista que a brevidade de nossa vida e a multiplicidade das coisas que hoje é preciso conhecer, para estarmos no nível dos homens sábios, não nos permitem que façamos tudo por nós mesmos. Além do mais, não se permite a ninguém, em nenhuma época, trabalhar sozinho com seus próprios meios, sem nada pedir

emprestado aos outros. Que mal haveria então, se, quem tivesse a capacidade de imitar a natureza, diversificasse e adaptasse a seu próprio tema aquilo que extrai dos outros, de modo que "mesmo quando é visível a fonte donde cada elemento provém", ainda assim resultasse um "produto diferente daquele onde se inspirou"?[7] Tomam emprestado de quem parece ter nascido apenas para emprestar e haurir dos mananciais e celeiros constituídos para tal fim. Vemos amiúde pintores e arquitetos executarem obras excelentes e admiráveis com pigmentos e materiais que outros moem e preparam para eles.

Finalmente, é preciso obedecer nessa ocasião ao aforismo de Hipócrates, que nos adverte para que levemos em conta o tempo, o lugar e os costumes. Ou seja, há livros que às vezes alcançaram renome e estiveram em voga em um país enquanto em outros isso não aconteceu, ou no século atual mas não no século passado. Conviria fazer uma provisão maior deles do que de outros, ou pelo menos ter uma quantidade suficiente, de modo a comprovar que nos adaptamos ao tempo e que não ignoramos a moda e as tendências dos homens. Donde encontrarem-se comumente nas bibliotecas de Roma, Nápoles e Florença muitas obras de teologia positiva, nas de Milão e Pádua, muitas de direito, nas de Espanha e nas das cidades de Cambridge e Oxford, na Inglaterra, muitas obras de escolástica, e nas da França, muitas de história e polêmica. Semelhante diversidade pode-se assinalar no decorrer dos séculos por causa da voga que tiveram sucessivamente a filosofia de Platão, a de Aristóteles, a escolástica, as línguas e as controvérsias teológicas, que todas elas, cada uma a seu tempo, foram predo-

minantes em diversos momentos. Assim como vemos hoje que o estudo da moral e da política ocupa a maior parte dos melhores e mais fortes espíritos, enquanto os mais fracos se entretêm com narrativas e romances sobre os quais nada direi a não ser repetir o que outrora Símaco afirmou sobre esse tipo de literatura: "Sem o argumento da realidade, a loquacidade impertinente causa irritação".[8]

Uma vez que esses preceitos e máximas correntes foram tão amplamente explicados, nada mais resta para concluir este capítulo sobre a qualidade dos livros senão propor dois ou três outros, que, sem dúvida, serão recebidos como absurdos e destinados a chocar a opinião comum e arraigada nas mentes de muitos que só apreciam os autores pela quantidade ou tamanho de suas obras, e somente avaliam seu mérito e valor com base naquilo que habitualmente nos leva a desprezar todas as outras coisas, isto é, sua vetustez e caducidade, à maneira do ancião que Horácio apresenta em suas obras como alguém

> louvador dos tempos passados, de quando era menino,
> castiga e censura os que são mais novos.[9]

A característica dessas mentes submissas é que são tão atraídas e apaixonadas por essas ideias e obras antigas que não olhariam, nem mesmo de longe, para livro algum cujo autor não fosse mais velho do que a mãe de Evandro ou os avós de Carmenta. Não acreditam que o tempo possa ser bem empregado na leitura dos modernos, porque, segundo dizem, estes não passam de rapsodos, copistas ou plagiários e não se aproximam de modo algum da eloquência, da doutrina e das belas concepções dos antigos. Por causa disso

continuam firmemente ligados aos antigos, como o marisco à rocha, sem se afastar de seus livros ou de sua doutrina, e acham que somente chegarão a compreendê-los depois de ter passado a vida inteira ruminando-os. Não é extraordinário, portanto, que, ao fim e ao cabo, e depois de muito suor e trabalho, eles se pareçam com aquele Marcelo ignorante, que se vangloriava, em toda parte, de haver lido Tucídides oito vezes, ou com aquele Nono, de quem Suidas diz que havia lido todo seu Demóstenes dez vezes, sem jamais ter sabido defender ou discorrer sobre o que quer que fosse.

E, para dizer a verdade, nada mais apropriado para tornar pedante um homem e afastá-lo do senso comum do que desprezar todos os autores modernos, a fim de cortejar somente alguns dos antigos, como se apenas esses fossem os únicos e tranquilos guardiões dos maiores favores a que pode almejar o espírito do homem, ou que a natureza, ciosa da honra e da reputação de seus filhos mais velhos, haja querido exercer seus poderes até o limite, a fim de saciá-los, em nosso detrimento, com suas graças e liberalidade.

Não creio, obviamente, que, com exceção daqueles senhores versados em antigualhas, alguém possa apegar-se a tais opiniões ou se alimentar de tais fábulas, uma vez que tantas novas invenções, tantas novas proposições e princípios, tantas diferentes e inimaginadas mudanças, tantos livros sábios, personagens famosos, concepções novas e, finalmente, tantas maravilhas que vemos nascer todos os dias, testemunham suficientemente que hoje os espíritos são mais fortes, refinados e ágeis do que nunca, e se pode afirmar, com toda a certeza, que

> As artes assumiram nos últimos tempos uma nova beleza
> Nenhuma delas de fato supera o que havia sido outrora,[10]

ou fazer sobre nosso século o mesmo juízo que Símaco fizera do seu: "Temos um século que favorece a virtude, e, se o homem de mérito não conquistar reputação, será culpa do homem, não de sua geração."[11] Pode-se disso inferir que quem assume o compromisso de formar uma biblioteca cometeria um enorme equívoco se nela não abrisse lugar para Piccolomini, Zabarella, Achillini, Nifo, Pomponazzi, Liceti, Cremonini, junto com os intérpretes antigos de Aristóteles; Alciato, Tiraqueau, Cujas, Dumoulin, junto com o *Código* e o *Digesto*; a *Suma* de Alexandre de Hales e de Henrique de Ghent, junto com a de santo Tomás; Clavius, Maurolico e Viète, junto com Euclides e Arquimedes; Montaigne, Charron, Francis Bacon, junto com Sêneca e Plutarco; Fernel, Dubois, Fuchs, Cardano, junto com Galeno e Avicena; Erasmo, Casaubon, Scaligero, Saumaise, junto com Varrão; Commynes, Guicciardini, Sleidanus, junto com Lívio; e Cornélio Tácito, Ariosto, Tasso, Bartas, junto com Homero e Virgílio, e também todos os autores modernos mais famosos e renomados. Se o caprichoso Boccalini tivesse se dado ao trabalho de comparar os modernos com os antigos, destes talvez houvesse encontrado muitos que seriam mais fracos do que aqueles e poucos que os superariam.

O segundo princípio que, talvez, pareça menos paradoxal que o primeiro, é diretamente contrário à opinião de quem somente avalia os livros pelo preço e o tamanho e que se sentem muito contentes, acreditando-se mais honrados por possuírem um Tostado em suas bibliotecas, pois tem quatorze volumes, ou um Salmerón, que tem oito, deixando

de colecionar uma infinidade de pequenos livrinhos entre os quais encontram-se amiúde inúmeros que são bem escritos e sabiamente compostos, cuja leitura proporciona mais proveito e contentamento do que a de muitos outros que, na maioria, são massas indigestas e mal polidas, incultas e pesadas.

Como diz Sêneca, "é difícil não ser tolo entre coisas grandiosas".[12] E o que Plínio afirma sobre um dos discursos de Cícero, "quanto mais longo for o discurso de Túlio melhor será",[13] não se aplica a esses calhamaços monstruosos. Com efeito, é quase impossível para o espírito manter-se sempre atento diante dessas obras enormes, sem que a imaginação seja sufocada e o raciocínio fique por demais perturbado em face da quantidade e das coisas muito confusas que pretendem dizer. Em compensação, o que nos deve levar a apreciar os livros pequenos, que tratam de coisas sérias ou de algum ponto importante, é que seus autores dominam completamente o assunto, da mesma forma que o operário e o artesão dominam seus materiais e podem melhor transformá-los, cozê-los, trabalhá-los, poli-los, moldando-os à vontade, ao contrário dessas enormes coleções de volumes descomunais, que, por causa disso, são, amiúde, pandemônios, caos e abismos de confusão,

> massa indigesta, rude,
> E consistente só num peso inerte.
> Das coisas não bem juntas as discordes,
> Priscas sementes em montão jaziam.[14]

Disso resulta um sucesso tão díspar, que se nota, por exemplo, nas *Sátiras* de Pérsio e nas de Filelfo, no *Exame dos espíritos* de Huarte e no de Zara, na aritmética de Ramus e

na de Forcadel, entre *O príncipe* de Maquiavel e o de outros cinquenta ou mais pedantes, na lógica de Dumoulin e na de Vallius, nos *Anais* de Volúsio e na *História* de Salústio, no *Manual* de Epiteto e nos *Segredos morais* de Loryot, nas obras de Fracastoro e nas de uma infinidade de filósofos e médicos. Tanto isso é verdade que bem o disse santo Tomás "é nos menores detalhes que a arte se faz mais presente,"[15] e Cornélio Galo tinha o hábito de prometer com suas pequenas elegias,

> Nós, com poucos volumes, não somos menos famosos
> do que aqueles cujas obras uma biblioteca jamais conseguirá
> conter.[16]

Mas o que me deixa ainda mais atônito é que alguém descartará as obras e opúsculos de um autor, se estiverem dispersas e separadas, enquanto queimará do desejo de possuí-las se estiverem recolhidas e reunidas em um volume. E esse alguém poderá deixar de lado, por exemplo, as orações de James Crichton, porque foram impressas separadamente, mas guardará na biblioteca as de Rémond, Galluzzi, Negrone, Benci, Perpiñán e muitos outros autores, não porque sejam melhores ou mais fecundas e eloquentes do que as daquele sábio escocês, mas porque estão reunidas e encadernadas em determinados volumes. Naturalmente, se todos os livros pequenos fossem postos de lado, não seria preciso levar em conta os opúsculos de santo Agostinho, as *Morais* de Plutarco, os livros de Galeno, nem a maioria dos de Erasmo, de Lipsius, Turnèbe, Mizauld, Dubois, Calcagnini, Pico della Mirandola, e inúmeros autores similares, não mais de trinta ou quarenta autores menores de medicina e filosofia, entre os melhores e mais antigos gregos, e

muito mais ainda entre os teólogos, porque foram todos publicados separadamente, um depois do outro, e em volumes tão pequenos que os maiores não superam muitas vezes o tamanho de metade de uma cartilha. Por isso, é possível reunir, encadernando-os, o que não foi reunido na impressão, juntando-os a outros que se perderiam se ficassem soltos. Com efeito, existe uma infinidade de assuntos que somente foram tratados nesses livretos, dos quais se pode dizer, com justeza, o mesmo que Virgílio disse das abelhas:

> Corações poderosos pulsando em corpos minúsculos.[17]

Parece-me muito útil, portanto, retirá-los das prateleiras, dos depósitos antigos e de todos os lugares onde se encontram, para que sejam encadernados com as obras do mesmo autor, ou que tratem do mesmo assunto, e em seguida colocados na biblioteca, onde tenho certeza que farão com que sejam admirados o engenho e a diligência dos esculápios que souberam tão bem recolher e reunir os membros desconjuntados e separados desses pobres Hipólitos.

A terceira máxima, que, numa primeira impressão, pareceria contrariar a primeira, opõe-se particularmente à opinião de quem fica possuído e seduzido por todos os livros novos, ao ponto de desprezar e não levar em conta não apenas os antigos, mas também autores que estiveram em voga e alcançaram renome depois de seiscentos ou setecentos anos, isto é, desde o século de Boécio, Símaco, Sidônio e Cassiodoro até o de Pico della Mirandola, Poliziano, Barbaro Ermolao, Gaza, Filelfo, Poggio Bracciolini e Jorge de Trebizonda, como é o caso de muitos dos filósofos, teólogos, jurisconsultos, médicos e astrólogos.

A mera impressão desses livros com tinta preta e letras góticas desagrada aos estudantes mais delicados deste século e não lhes permite olhar, a não ser com vergonha e desprezo, para quem os escreveu. Isso resulta, naturalmente, do fato de que os séculos, ou os espíritos que neles surgem, possuem talentos diversos e inclinações em tudo diferentes, não compartilhando uma atitude comum em face do estudo ou do amor às ciências, e não têm certeza de nada, a não ser de sua instabilidade e mudança.

Vemos, de fato, que, logo após o nascimento da religião cristã (para não levar as coisas mais longe), a filosofia de Platão era adotada universalmente nas escolas e a maioria dos patriarcas eram platônicos. Isso perdurou até quando Alexandre de Afrodísia a pôs de lado, a cotoveladas, para dar lugar aos aristotélicos e abrir caminho para os intérpretes gregos e latinos. Estes permaneceram de tal modo apegados à explicação do texto de Aristóteles que teríamos permanecido sem grandes descobertas se dialéticos e escolásticos, convencidos por Abelardo, não houvessem sido chamados a predominar em todos os lugares, com a maior e mais universal aprovação jamais concedida a qualquer coisa, e isso durante um período de cinco ou seis séculos.

Depois, os heréticos nos conclamaram para que interpretássemos as Sagradas Escrituras, e nos ensejaram a ler a Bíblia e os Santos Padres que haviam sido sempre negligenciados nessas discussões silogísticas. Por causa disso a controvérsia se instalou no que tange à teologia, e os questionadores, junto com os inovadores, que constroem sobre novos princípios, ou restabelecem os dos antigos, Empédocles, Epicuro, Filolau, Pitágoras e Demócrito, na filosofia; as

outras disciplinas tampouco ficaram isentas de mudanças similares; nelas são sempre os espíritos simples que acompanham esses movimentos coletivos e mudanças, como o peixe na maré, sem se preocupar com o que deixaram para trás, e dizem imprudentemente como o poeta Calpúrnio:

> Pouco valor têm hoje para nós o que vimos em anos
> passados
> e nada valem as festas de outrora.[18]

De modo que a maioria dos bons autores permanecem esquecidos e abandonados enquanto novos censores ou plagiários se imiscuem em seu lugar e se enriquecem com seus despojos. E, de fato, é estranho e pouco razoável que aprovemos e apoiemos, por exemplo, o colégio de Coimbra e Suárez, no que tange à filosofia, e negligenciemos as obras de Alberto Magno, Nifo, Egidio Colonna, Albertus de Saxônia, Pomponazzi, Achillini, Hervé, Durando, Zimara, Boccadiferro e tantos outros, dos quais todos os grandes livros que hoje seguimos foram compilados e transcritos palavra por palavra; que tenhamos um apreço quase sem paralelo por Amato, Trivère, Capivaccio, Monte, Valesco e quase todos os médicos modernos, e nos envergonhemos de ter na biblioteca livros de Ugo Benzi, Jacopo da Forlì, Jacques Despars, Velasco, Gordon, Tommaso del Garbo, Dino e todos os avicenistas, que realmente acompanharam a genialidade de seu século. Eram toscos e vulgares, nos barbarismos de seu latim, mas impregnaram profundamente a medicina, segundo admitia o próprio Cardano, de tal modo que muitos de nossos modernos, que não são suficientemente decididos e não têm persistência e assiduidade para segui-los e imitá-los, são constrangidos a se apropriar de seus

argumentos e revesti-los conforme a moda, exibindo-se e vangloriando-se, mas sempre permanecendo nas superfícies dos floreios da linguagem, sem mais se aprofundar,

> Arrancam as flores e buscam as pontas mais altas.[19]

O que dizer, então, se Scaligero e Cardano, as duas maiores personalidades do último século, concordam em um único ponto, que era louvar Richard Swineshead, também chamado o Calculador, que viveu há apenas trezentos anos, e o coloquem entre os dez maiores sábios que jamais existiram, e não encontremos suas obras em nenhuma das mais famosas bibliotecas? E qual a probabilidade de os adeptos de Guilherme de Occam, príncipe dos nominalistas, serem eternamente privados de ver suas obras; ou qualquer filósofo de ver as desse grande e renomado Avicena? Parece-me, deveras, que é prova de pouco juízo na escolha e conhecimento dos livros deixar de lado as obras de todos esses autores, que deveriam ser mais estudadas quanto mais raros se tornam, e que poderão de agora em diante assumir o lugar dos manuscritos, uma vez que quase não existe mais esperança de que um dia venham a ser reimpressas.

Finalmente, o quarto e último desses princípios tem como único objetivo a escolha e a seleção que se deve fazer nos manuscritos, a fim de se opor à prática introduzida e geralmente aceita, por causa da grande voga de que hoje gozam os críticos, que nos ensinaram e nos fizeram acostumar a dar maior valor a alguns manuscritos de Virgílio, Suetônio, Pérsio, Terêncio e outros dentre os antigos em detrimento de bons autores nunca lidos ou impressos.

É como se existisse algum pretexto para seguir sem-

pre o capricho ou as fantasias e engodos desses novos censores e gramáticos, que despendem em vão a melhor parte de suas vidas a forjar conjecturas e mendigar as correções do Vaticano para que mude, emende ou substitua o texto de algum autor, consumindo talvez o trabalho de dez ou doze homens, coisa facilmente dispensável. Ou que seria muito lamentável e digno de comiseração deixar perder-se e apodrecer entre as mãos de alguns possuidores ignorantes desses textos as vigílias e os labores de uma infinidade de grandes figuras que suaram e trabalharam, talvez durante toda a vida, para nos propiciar o conhecimento de algo que até então permanecera desconhecido, ou esclarecer alguma matéria útil e necessária. E, todavia, o exemplo desses censores foi tal e sua autoridade tão forte e poderosa que, apesar do desgosto que nos causaram Robortello e alguns outros, esses manuscritos conseguiram, no entanto, enfeitiçar o mundo para se dedicar ao seu estudo de tal modo que são as únicas coisas que estão em voga e são consideradas dignas de ter lugar nas bibliotecas,

> tal é a penúria da inteligência em toda parte
> que as loucuras aplainaram o caminho![20]

Por isso é que, sendo da própria essência de uma biblioteca possuir um grande número de manuscritos, porque são atualmente os mais apreciados e os menos comuns, creio, meu senhor, salvo vosso melhor juízo, que seria muito adequado continuar como começastes, dotando vossa biblioteca com os que foram escritos exclusivamente sobre algum assunto de valor. Por exemplo, os que mandastes buscar não apenas aqui, mas em Constantinopla, e todos os que for

possível obter de muitos autores antigos e modernos, mencionados por Neander, Cardano, Gesner e por todos os catálogos das melhores bibliotecas, e não provê-la, ao contrário, de exemplares desses livros que já foram impressos e que, na melhor das hipóteses, podem apenas nos aliviar com algumas conjecturas supérfluas e superficiais. Todavia, não é minha intenção desprezar e negligenciar totalmente essa espécie de livros, bem sabendo, pelo exemplo de Ptolomeu, da importância que se deve sempre dar aos autógrafos, ou a essas duas espécies de manuscritos que Robortello, no que se refere à crítica, prefere a todos os outros.

Por fim, acrescento, para concluir este capítulo sobre a qualidade dos livros, que tanto no que tange aos manuscritos quanto aos livros impressos, não basta apenas observar as circunstâncias mencionadas e escolhê-los com base nisso. Por exemplo, no caso da *République* de Bodin, concluir que deve ser adquirida porque o autor foi um dos mais famosos e renomados de seu século e o primeiro entre os modernos a tratar desse assunto, ou porque a matéria é muito necessária e estudada hoje, que o livro é conhecido, traduzido em várias línguas e reimpresso a quase cada cinco ou seis anos. Mas é preciso observar outra norma que é adquirir um livro quando seu autor é bom, mesmo que o assunto seja comum e trivial, ou mesmo quando seja difícil e pouco conhecido e o autor não seja apreciado. É preciso, em suma, praticar uma infinidade de outras regras, que se encontram na prática, mas que não podem ser facilmente reduzidas a uma arte ou a um método. O que me leva a crer que quem pode dignamente desincumbir-se desse encargo será aquele que não tiver o juízo ardiloso, temerário, cheio

de extravagâncias e preocupado com opiniões pueris que levam muitas pessoas a desprezar e rejeitar prontamente tudo o que não for de seu agrado, como se cada um se devesse pautar pelos caprichos de suas fantasias, ou como se não fosse dever do homem sábio e prudente falar de todas as coisas com moderação e não as julgar segundo a opinião alheia, mas segundo o juízo que for preciso emitir tendo em conta seu próprio uso e sua própria natureza.

Citações originais e fontes das traduções

1 Est quoque cunctarum novitas carissima rerum. Ovídio, *Epistulae ex Ponto*, III, 4, 51.
2 Nullius addictus iurare in verba magistri. Horácio, *Epístolas*, I, I, 14. ["Eu fé não juro / nas palavras de alguém", na tradução de Antônio Luís de Seabra. In: *Satyras e epistolas*. Porto: Em Casa de Cruz Coutinho, 1846, v. 2, p. 2.]
3 Rara iuvant: primis sic maior gratia pomis, / Hibernae pretium sic meruere rosae. Marcial, *Epigramas,* IV, 29, 3-4.
4 Salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium qui oderunt nos. *Lucas*, 1, 71. [Trad. da *Bíblia de Jerusalém*.]
5 Quos fama obscura recondit. Virgílio, *Eneida*, V, 302. [Trad. de Odorico Mendes. In: *Eneida*. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, V, 319, p. 128.]
6 Quorumque ex ore profuso, / Omnis posteritas latices in dogmata ducit. Manilio, *Astronomica*, 2, 9
7 Ut etiam si apparuerit, unde sumptum sit, aliud tamen esse quam unde sumptum est, appareat. Sêneca, *Epístolas*, 84, 5]. [Trad. de J.A. Segurado e Campos. In: *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.]
8 Sine argumento rerum loquacitas morosa displiceat. Símaco, *Epistolarum ad diversos*, livro X, carta 58.
9 Laudator temporis acti, / Praesentis censor, castigatorque futuri. Horácio, *Arte poética*, 173-174. [No original de Horácio: "Laudator temporis acti se puero, castigator censorque minorum." Trad. de R.M. Rosado Fernandes (*Arte poética*. Lisboa: Ed. Inquérito, p. 80).]
10 Sumpserunt artes hac tempestate decorem, / Nullaque non melior quam prius ipsa fuit. São versos de Naudé. Na tradução francesa (1642) de sua *Bibliographia politica*, originalmente publicada em la-

tim, em 1633, o tradutor revela, na dedicatória, que colocou em "maus ritmos franceses o sentido dos versos latinos que o senhor Naudé semeou como belas flores em diversos lugares de seu discurso". Aos dois versos latinos da primeira edição do *Advis*, e da mesma forma reproduzidos na edição original da *Bibliographia*, o tradutor francês acrescentou à tradução: "Les arts en notre siècle ont repris leur honner, / Ils fleurisset par tout avec grand advantage / Et ne s'en trouve point qui n'ait eu le bonheur / D'estre mieux cultivé que dans son premier age" (p. 96-97). Naudé, Gabriel. *La bibliographie politique de sr. Naudé*. [Trad. de Charles Challine] Paris: Chez la veuve de Guillaume Pelé, 1642. [N.T.]

11 Habemus saeculum virtuti amicum, quo nisi optimus quisque; gloriam parat, hominis est culpa, non temporis. Símaco, *Epistolarum ad diversos*, livro III, 43.

12 Non est facile, inter magna non desipere. Sêneca, *Naturales quaestiones*, 6, 29.

13 M. Tullium oppono, cuius oratio optima fertur esse quae maxima. Plínio, o Jovem. *Cartas*, I, 20, 4.

14 ... rudis indigestaque moles / nec quicquam nisi pondus iners congestaque eodem / non bene iunctarum discordia semina rerum. Ovídio, *Metamorfoses*, I, 7-9. [Trad. de Manuel Maria Barbosa du Bocage. In: *Metamorfoses: Ovídio & Bocage*. Introd. de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2000, p. 35.]

15 Nusquam ars magis, quam in minimis tota est. Santo Tomás, *Summa theologica*, II, 9. 1.

16 Nec minus est nobis per pauca uolumina famae, / Quam quos nulla satis bibliotheca capit. Cornélio Galo, *Epigramas*.

17 Ingentes animos angusto in pectore versant. Virgílio, *Geórgicas*, IV, 83.

18 Vilia sunt nobis, quaecumque prioribus annis / vidimus, et sordet quicquid spectavimus olim. Calpúrnio, *Éclogas*, 7, 45-46.

19 Decerpunt flores, et summa cacumina captant. O verso não teve ainda a autoria identificada. Sainte-Beuve sugere Naudé. A tradução italiana atribui-o a Cardano, o que é seguido pela espanhola. [N.T.]

20 Tanta est penuria mentis ubique, / In nugas tam prona via est. Palingenius, *Zodiacus vitae*, 3 ("Gemini"), 1616, III, 38, vv. 20-21.

Capítulo V

Os métodos para adquirir os livros para a biblioteca

Agora, senhor, após haver demonstrado, nas três partes iniciais, a maneira a ser seguida para se aprender a formar uma biblioteca, quantos livros deve conter e qual a qualidade que devem ter os que forem selecionados, a parte que se segue tratará dos métodos pelos quais os livros são adquiridos e o que é preciso fazer para melhorar e ampliar o acervo. E sobre isso direi, na verdade, que o primeiro preceito que se pode oferecer acerca desse ponto é que sejam cuidadosamente conservados os que foram adquiridos e os que são adquiridos a cada dia, sem permitir que nenhum deles se perca de modo algum:

> Assim, devemos refletir sobre quanto é mais leve a dor de não ter do que a de perder, e entenderemos que para a pobreza é tanto menor o motivo de tormento quanto é menor o de perda.[1]

Portanto, não seria um bom método para aumentar a biblioteca se se perdesse ou se estragasse, por falta de zelo, o que foi reunido com esforço e diligência. E, por isso, Ovídio e os mais sábios tinham razão ao dizer que conservar bem uma coisa não era virtude menor do que a de adquiri-la:

> Menor engenho não precisas
> para manter as conquistas, do que aquele que usaste
> para as realizar.[2]

O segundo preceito é que nada se deve desprezar que possa ter alguma utilidade, seja para vós, seja para os outros, como, por exemplo, as sátiras, folhetos, teses, fragmentos, provas tipográficas e assemelhados, que devem ser cuidadosamente recolhidos e juntados conforme o tipo de cada um e os assuntos de que tratam, pois somente assim é que serão levados em consideração, de forma que "coisas que, isoladas, pouco servem, em conjunto são de utilidade".[3]

De outro modo, sói acontecer que, por causa de esses livrinhos terem sido desprezados, pois pareciam não passar de insignificâncias e peças inconsequentes, acaba-se perdendo uma infinidade de preciosos relatos que às vezes podem ser as obras mais interessantes da biblioteca.

O terceiro preceito pode-se deduzir a partir do meio de que lançou mão Richard de Bury, bispo de Durham, lorde chanceler e tesoureiro da Inglaterra, que foi publicar e fazer com que todos conhecessem o afeto que se dedica aos livros e o grande desejo de formar uma biblioteca. Pois, se isso for amplamente divulgado, será indiscutível que, se aquele que tiver tal propósito gozar de alto crédito e autoridade para ser admirado por seus amigos, nenhum deles deixará de querer presenteá-lo com os livros mais interessantes que caírem em suas mãos, que não o acolherão livremente em sua biblioteca, ou nas de seus amigos; em suma que não se esforçará para ajudar e colaborar, com tudo que for possível, para esse projeto; como salienta muito bem Richard de Bury nas palavras que transcrevo de bom grado, principal-

mente porque seu livro é muito raro e por causa dos que se perdem devido à nossa negligência. Diz ele:

> [...] chegando tempos mais prósperos tocou-nos a atenção da real majestade e fomos aceitos em sua família, conseguindo mais ampla possibilidade de visitar o lugar que nos agradasse e de, por assim dizer, caçar, como os prêmios mais desejados de uma floresta, bibliotecas privadas e comuns, de clérigos regulares e seculares.

E pouco depois acrescenta:

> Com efeito, por toda parte havia crescido a fama volátil de nosso amor. Constava que tanto nos amolecia essa paixão pelos livros, mormente se antigos, que nosso favor com mais facilidade se poderia conseguir com livrinhos do que com dinheiro. De fato, quando, escorados na bondade do dito príncipe, cuja memória se preze, podíamos prejudicar ou favorecer, impedir ou beneficiar tanto os grandes quanto os pequenos, afluíam até nós, em lugar de presentes e dádivas, ou prêmios e jóias, cadernos enlameados e códices decrépitos, que estimávamos mui preciosos, tanto por seu aspecto quanto por nosso afeto. Então se abriram os armários de nobilíssimos mosteiros, ao nosso dispor se puseram cofres e cestos foram desatados.[4]

A que ele ainda acrescenta as diversas viagens que fez na condição de embaixador, e o grande número de pessoas sábias e curiosas, de cujo trabalho e competência ele se valeu nessa busca. E, o que me leva ainda mais a crer que essas práticas teriam alguma eficácia, é que conheço um homem que, interessado em medalhas, pinturas, estátuas, camafeus e outras peças e mimos de gabinete, reuniu, apenas por esse meio, um valor equivalente a mais de doze mil libras, sem que desembolsasse mais de quatro mil. E, na verdade, tenho por máxima que toda pessoa gentil e de boa natureza deve sempre apoiar as intenções louváveis de seus amigos, desde que não prejudiquem as suas. Assim, quem tiver

livros, medalhas ou pinturas que tenham chegado às suas mãos por acaso e não devido ao prazer de possuí-los poderá ser facilmente persuadido a incluir entre seus amigos aquele homem que ele sabe que está ansioso por tê-los em sua coleção.

Acrescentarei, de bom grado, a esse terceiro preceito os ardis empregados por magistrados e pessoas que ocupam posições de autoridade; mas, sem entrar em muitos detalhes, simplesmente narrar o estratagema de que se serviram os venezianos para obter os melhores manuscritos de Pinelli logo depois de sua morte. Sabedores de que a biblioteca dele estava prestes a ser levada de Pádua para Nápoles, enviaram às pressas um de seus magistrados para apreender cem fardos de livros, entre os quais havia catorze que continham manuscritos, além de dois outros com mais de trezentos comentários sobre todos os negócios da Itália. A alegação para justificar isso foi que, embora houvessem permitido ao finado senhor Pinelli, em respeito à sua posição, seu propósito, sua vida louvável e sem mácula, e principalmente à amizade que sempre havia manifestado para com a República, fazer copiar os arquivos e registros dos negócios do Estado, não lhes era conveniente nem oportuno que esses documentos fossem divulgados, revelados e comunicados depois de sua morte. Por isso, os herdeiros e executores testamentários, que eram poderosos e estavam autorizados, por terem entrado em juízo, conseguiram reter apenas duzentos desses comentários, que foram colocados num aposento isolado com esta inscrição: "Estas obras foram retiradas da biblioteca de Pinelli por ordem do Senado".[5]

O quarto preceito é reduzir as despesas supérfluas, que muitos prodigalizam inutilmente com encadernação e ornamentação de seus volumes, e empregar a economia assim feita na compra de volumes que faltam. Assim, não serão objeto daquela censura de Sêneca, que deles zomba abertamente, quando diz que lhes "dão grande prazer as lombadas e etiquetas de seus volumes".[6] E, com mais razão, pode-se dizer que a encadernação não passa de um acessório e uma maneira de aparecer sem a qual, mesmo bela e suntuosa, os livros não deixam de ser úteis, convenientes e procurados. Nunca se verificou, a não ser no caso de ignorantes, que alguém se interessasse por um livro por causa da capa, uma vez que não ocorre com livros o mesmo que acontece com aqueles homens que somente são conhecidos e respeitados pelo que vestem. Por isso, é mais útil e necessário ter, por exemplo, uma grande quantidade de livros encadernados simplesmente do que possuir apenas um pequeno aposento ou armário repleto de volumes brilhantes, dourados, arrumados e enriquecidos com todos os tipos de enfeites, luxos e coisas supérfluas.

O quinto preceito diz respeito à compra e pode ser dividido em quatro ou cinco partes conforme as diferentes formas empregadas para isso. Não hesitarei em apontar como o primeiro método, o mais imediato, fácil e vantajoso de todos, aquele que consiste na compra de uma biblioteca inteira que não tenha sido dispersada. Digo imediato porque em menos de um dia pode-se adquirir uma grande quantidade de livros sábios e preciosos, que teria sido impossível reunir durante a vida de um homem. Digo fácil porque nos poupamos de todo o esforço e tempo que seriam

necessários para comprá-los um a um. Digo, por fim, vantajoso porque, se as bibliotecas que compramos são boas e preciosas, elas servem para aumentar o prestígio e a reputação daqueles que com elas se enriquecem.

Vemos, portanto, que Possevino tem em alta estima a biblioteca do cardeal de Joyeuse, porque ela era formada por três outras, uma das quais pertencera ao senhor Pithou. Todas as mais renomadas bibliotecas cresceram dessa maneira, como, por exemplo, a de são Marcos, em Veneza, com a doação que lhe fez o cardeal Bessarion de sua biblioteca; a do Escorial, com a grande biblioteca que fora reunida por Hurtado de Mendoza; a Ambrosiana de Milão, com os noventa fardos, obtidos de uma única vez, que sobraram do naufrágio e decadência da biblioteca de Pinelli; a de Leyden, com mais de duzentos manuscritos em línguas orientais que Scaliger lhe legou em testamento; e finalmente a de Ascanio Colonna, com a belíssima biblioteca que lhe deixou o cardeal Sirleto. Por isso, senhor, imagino que vossa biblioteca não pode eximir-se de um dia vir a ser bastante famosa e renomada, colocando-se entre as maiores, por causa da biblioteca do senhor vosso pai, já tão célebre e conhecida graças à descrição que dela deixaram para a posteridade La Croix du Maine, Fauchet, Marcile, Turnèbe, Passerat, Lambin e quase todos os cavalheiros de igual jaez que reconhecem o prazer e os ensinamentos que ali receberam.

Dito isso, parece-me que o método que mais se coaduna com esse primeiro conselho é o de revistar e revisitar várias vezes todos os alfarrabistas e as lojas e depósitos, tanto de livros encadernados quanto daqueles que foram deixados de lado em brochura depois de muitos anos.

Muitas pessoas, pouco entendidas e versadas nesse tipo de busca, acham que esses livros não servem para nada, a não ser para que "toga a atuns não falte, pênula às azeitonas",[7] embora amiúde ali se encontrem livros muito bons. E, se a despesa for bem administrada, será possível comprar, com dez escudos, uma quantidade maior do que se compraria com quarenta ou cinquenta, se fossem procurados em diferentes lugares, um a um. Isso, porém, se a pessoa se cercar de cautela e paciência e concordar que não se pode dizer de uma biblioteca o que certos poetas bajuladores disseram de nossa cidade, "no dia em que nasceu, já era grande".[8] É impossível, enfrentar, com tal presteza, algo que, à semelhança do que nos diz Salomão, "fazer livros é um trabalho sem fim",[9] e em cuja execução, embora o senhor de Thou haja trabalhado vinte anos, Pinelli, cinquenta, e muitos outros a vida inteira, não é crível que tenham chegado à máxima perfeição, pois, por mais que se almeje isso, nenhuma biblioteca jamais logrará alcançá-la.

Mas, como é necessário para o crescimento e desenvolvimento de tal biblioteca provê-la cuidadosamente com todos os livros novos que gozem de algum mérito e reputação, impressos em todas as partes da Europa, e assim como Pinelli e os outros mantiveram correspondência com uma infinidade de amigos e vendedores estrangeiros, seria de bom alvitre adotar a mesma prática ou pelo menos selecionar dois ou três livreiros prósperos, competentes e experientes em seu ofício, que, com base em amplas informações e viagens, ofereçam novidades de todos os tipos e façam buscas e pesquisas diligentes dos livros que lhes serão encomendados a partir de catálogos. Esse procedimen-

to não é necessário no caso de livros antigos, uma vez que, para isso, o método mais seguro para localizar muitos deles e por um bom preço é pesquisá-los indistintamente junto a todos os livreiros, onde, com o tempo e os imprevistos, costumam dispersar-se e espalhar-se.

Não quero, entretanto, deduzir do conselho acima enunciado que não seja preciso às vezes ultrapassar os limites dessa economia, a fim de comprar por um preço fora do comum certos livros que são tão raros que somente desse jeito podem ser retirados das mãos de quem sabe quanto valem. Mas a atitude que convém assumir diante dessa dificuldade é reconhecer que as bibliotecas somente são formadas e apreciadas pelo serviço e pela utilidade que delas se pode auferir.

Por conseguinte, é preciso deixar de lado todos os livros e manuscritos que seriam adquiridos somente por causa de sua antiguidade, de suas imagens, ilustrações, encadernação e outros motivos menos relevantes. Por exemplo, o Froissart, que alguns comerciantes ofereciam à venda há não muito tempo por trezentos escudos; o Boccaccio de *De casibus virorum illustrium*, avaliado em cem escudos; o *Missal* e a *Bíblia* de Guinart; os livros de horas dos quais se diz frequentemente que não têm preço por causa de suas ilustrações e vinhetas; manuscritos iluminados de Tito Lívio e outros historiadores; os livros da China e do Japão, em pergaminho, em papel colorido, de algodão extremamente fino e com margens generosas, e muitos outros de material semelhante.

Ao invés disso, é preciso empregar as grandes somas que eles custam para adquirir volumes que sejam mais

úteis na biblioteca do que os anteriormente mencionados ou outros similares. Eles jamais farão de seus apaixonados colecionadores pessoas tão admiradas quanto o foram Ptolomeu Filadelfo, por ter pago quinze talentos pelas obras de Eurípides; Tarquínio, que comprou três livros sibilinos por um preço pelo qual lhe teria sido possível pagar todos os nove livros juntos; Aristóteles, que deu setenta e dois mil sestércios pelas obras de Espeusipo; Platão, que gastou mil dinares na compra das de Filolau; Bessarion, que adquiriu livros gregos por trinta mil escudos; Hurtado de Mendoza, que fez vir do Levante a carga inteira de um grande navio; Pico della Mirandola, que gastou sete mil escudos com manuscritos hebraicos, caldeus e outros; e, por fim, aquele rei de França que deixou como caução sua baixela de ouro e prata para conseguir a cópia de um livro que se encontrava na biblioteca dos médicos desta cidade, conforme está amplamente atestado por antigos documentos e registros de sua faculdade.

Acrescento ainda que seria preciso conhecer os parentes e herdeiros de numerosos cavalheiros para deles saber se não deixaram manuscritos dos quais queiram se desfazer. Acontece que muitas vezes eles não chegaram a imprimir nem a metade de suas obras, seja por causa de morte imprevista, ou do custo da impressão, ou por receio das diversas censuras e críticas, o medo de não ser bem-recebido; a liberdade de seus discursos; a pouca vontade de se expor, e outras razões semelhantes que nos privaram de ter mais livros de Postel, Bodin, Marcile, Passerat, Maldonado, e outros, cujos manuscritos se encontram muitas vezes nos gabinetes de particulares ou nas lojas de livreiros.

Igualmente, seria preciso ter o cuidado de se informar, a cada ano, quais tratados os mais doutos docentes das universidades próximas lerão em suas aulas, tanto públicas quanto particulares, a fim de deles providenciar cópias, e, facilmente, dispor de grande número de peças com a mesma qualidade e tão apreciadas quanto muitos dos manuscritos pelos quais se paga um alto preço, por causa de sua vetustez e antiguidade. Prova disso são o *Traité des druides*, do senhor Marsille, a *Histoire* e o *Traité des magistrats français*, do senhor Grangier, a *Géographie*, do senhor Belurgey, diversos escritos dos senhores d'Autruy, Isambert, Seguin, Duval, d'Artis e, em uma palavra, de todos os mais renomados professores de toda a França.

Finalmente, quem tiver pelos livros o mesmo apreço que por eles nutria o senhor Vincenzo Pinelli, também poderia, assim como ele, visitar as lojas de quem adquire com frequência papéis ou pergaminhos antigos, a fim de ali verificar se, por acaso, não lhe cai nas mãos algo digno de ser recolhido a uma biblioteca.

E, de fato, deveríamos ser estimulados nessa busca pelo exemplo de Poggio Bracciolini, que encontrou Quintiliano no balcão de um salsicheiro, quando participava do concílio de Constança, bem como o de Papire Masson, que encontrou Agobardo em um encadernador, que queria usar o papel dele para revestir o lombo de outros livros a serem encadernados, e o manuscrito de Ascônio que nos foi dado por encontro semelhante. Mas, como esse é um método tão incomum quanto o amor aos livros para aqueles que o têm, prefiro deixar à discrição de quem queira usá-lo, e não prescrevê-lo como regra geral e necessária.

1 Tolerabilius enim est, faciliusque, non acquirere quam amittere, ideoque laetiores videbis quos nunquam fortuna respexit quam quos deservit. Sêneca, *De tranquilitate animi*, 8, 2. (*Dial*. 9, 8, 2). [Trad. de José Eduardo S. Lohner. In: *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma: diálogos*. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2014, p. 80.]

2 Nec minor est virtus, quam quaerere, parta tueri. Ovídio, *Arte de amar*, 2, 13. [Ovídio. *A arte de amar*. Trad. de Natália Correia e David Mourão-Ferreira. São Paulo: Ars Poetica, 1992, p. 99.]

3 Sed, quae non prosunt singula, multa iuvant. Ovídio. *Remedia amoris*, 420. [Trad. de Antônio da Silveira Mendonça. In: *Os remédios do amor*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 56-57.]

4 [...] succedentibus tamen prosperis, regiae majestatis consecuti notitiam et in ipsius acceptati familia, facultatem accepimus ampliorem ubilibet visitandi pro libito et venandi quasi saltus quosdam delicatissimos, tum privatas, tum communes, tum regularium, tum saecularium librarias. [...] patescebat nobis aditus facilis, regalis favoris intuitu, ad librorum latebras libere perscrutandas. Amoris quippe nostri fama volatilis jam ubique percrebuit, tantumque librorum et maxime veterum ferebamur capiditate languescere, posse vero quemlibet nostrum per quaternos facilius quam per pecuniam adipisci favorem. Quamobrem cum supra dicti principis recolendae memoriae bonitate suffulti possemus obsesse et prodesse, officere et proficere vehementer tam majoribus quam pusilis, affluxerunt loco xeniorum et munerum locoque donorum et jocalium caenulenti quaterni ac decrepiti codices, nostris tam aspectibus quam affectibus preciosi. Tunc nobilissimorum monasteriorum aperiebantur armaria, reserabantur scrinia et cistulae solvebantur [...]". Richard de Bury, chap. VIII. [*Philobiblon ou o amigo do livro*. Trad. do latim de Marcelo Cid. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 74.]

5 Decerpta haec imperio Senatus e Bibliotheca Pinelliana. [Sobre a biblioteca de Pinnelli: NUOVO, Angela. The creation and dispersal of the library of Gian Vincenzo Pinelli. In: MYERS, Robin; HARRIS, Michael; MANDELBROTE, Giles (ed.). Books on the move: tracking copies through collections and the book trade. New Castle, Delaware and London, UK: Oak Knoll Press and The British Library, 2007, p. 39-77. Disponível em: https://www.academia.edu/3870620/The_Creation_and_Dispersal_of_the_Library_of_Gian_Vincenzo_Pinelli [N.T.]

6 Cui voluminum suorum frontes maxime placent titulique? Sêneca, *De tranquilitate animi*, 9, 6 (Dial. 9, 9, 6). [Trad. de José Eduardo

S. Lohner. In *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma: diálogos*. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2014, p. 82.]

7 Ne toga cordyllis, ne penula desit olivis. Marcial, XIII, I, I. [Tradução em Cesila, Robson Tadeu. Saturnais: uma época para ler Marcial. *PhaoS - Revista de Estudos Clássicos*, Campinas v. 5, p. 13-29, 2005.]

8 Quo primum nata est tempore, magnifica fuit. [A inscrição "Quo primum nata est tempore magna fuit" estava no pedestal da estátua de Francion no arco triunfal na porta Saint-Denis, em Paris, erguido para celebrar a entrada do rei Charles IX, em março de 1571. (Cf. Maynard, Katherine. "Avec la terre on possède la guerre": the problem of place in Ronsard's Franciade. In: Usher, John Phillip; Fernbach, Isabelle (ed.) *Virgilian identities in the French Renaissance*. Cambridge: D.S. Brewer, 2012, p. 249). [N.T.]

9 Libros faciendi non erit finis, *Eclesiastes* 12, 12. [Trad. da *Bíblia de Jerusalém*.]

Capítulo VI

A disposição do lugar onde guardá-los

Esta consideração sobre o local a ser escolhido para nele instalar e formar a biblioteca deveria exigir também um discurso tão extenso quanto os precedentes, se as sugestões a serem feitas pudessem ser tão facilmente adotadas como as que deduzimos e explicamos anteriormente. Mas, somente a quem deseja construir um local com essa finalidade expressa é que se aplica a observância exata de todas as regras e normas que dependem da arquitetura. Como, porém, muitos particulares são obrigados a se basear nas possibilidades oferecidas por sua morada para situar a biblioteca do melhor modo possível, pareceria quase supérfluo sugerir regras. Creio que essa foi a única situação que fez com que nenhum arquiteto acrescentasse algo ao que Vitrúvio disse. Contudo, para que estes conselhos não fiquem falhos e imperfeitos, darei minha breve opinião, a fim de que cada um possa segui-la no que for possível, ou a julgue verdadeira e conforme sua vontade.

No que diz respeito, portanto, à situação do lugar onde se deve construir ou escolher um local apropriado para a biblioteca, parece-me que o dito popular "os versos desejam o isolamento e o ócio para serem compostos"[1] nos

levaria a escolher uma parte da casa bem distante do ruído e da azáfama, não apenas de origem externa, mas também dos causados pela família e pelos domésticos. Afastada das ruas, da cozinha, do refeitório dos serviçais e de lugares semelhantes, deve, se possível, ser cercada de um pátio grande e um belo jardim, onde teria iluminação, uma vista bem ampla e agradável, ar puro, sem o miasma de pântanos, cloacas e estrumeiras. Toda a disposição da construção deve ser muito bem executada e ordenada de modo que não provoque qualquer inconveniente ou incômodo evidente.

Ora, para conseguir isso com o máximo de prazer e o mínimo de esforço, o melhor será situar sempre a biblioteca nos pisos intermediários, para que a umidade do solo não provoque o aparecimento de mofo, uma espécie de podridão que ataca imperceptivelmente os livros. Assim, os sótãos e cômodos da parte superior servirão para impedir que a biblioteca fique suscetível às intempéries, como acontece quando os telhados baixos sofrem facilmente os inconvenientes provocados pela chuva, neve e calor excessivos.

Como não é fácil seguir essa regra, é preciso pelo menos ter o cuidado de situar os aposentos destinados aos livros a uma altura de quatro ou cinco degraus, como observei na Ambrosiana de Milão, e, na realidade, o mais alto possível, por ser mais agradável e para evitar os inconvenientes mencionados. Mas, se o lugar for úmido e mal situado, será preciso recobrir pisos e paredes com alcatifas, e, no inverno e nos dias das outras estações em que a umidade for maior, para aquecer e desumidificar o ambiente, recorrer a um fogão ou lareira que queime somente lenha que faça pouca fumaça.

Mas parece que todas essas dificuldades e regras nada são em comparação com o que é preciso observar para abrir espaços para janelas amplas, adequadas à biblioteca, seja pela necessidade de ela ser bem iluminada até os recantos mais afastados, seja pela natureza variada dos ventos que ali sopram habitualmente e que produzem efeitos tão diversos quanto suas características e os lugares que percorrem.

Sobre isso afirmo que é preciso atentar para duas coisas: a primeira, que os postigos e janelas da biblioteca (quando houver aberturas dos dois lados) não fiquem diametralmente opostos, exceto quando essas aberturas iluminarem alguma mesa. Desse modo, enquanto houver luz do dia, o lugar ficará muito mais iluminado. A segunda, que as principais aberturas fiquem sempre voltadas para o nascente, tanto por causa da claridade que a biblioteca receberá de manhã cedo, quanto por ocasião dos ventos que sopram desse lado, os quais, por serem naturalmente quentes e secos, tornam o ar bastante ameno, fortificam os sentidos, refinam os humores, purificam os espíritos, conservam a boa e corrigem a má disposição, e, em suma, são muito saudáveis e salubres. Ao contrário, os que sopram do poente são mais desagradáveis e nocivos do que todos os outros porque, quentes e úmidos, provocam o apodrecimento de qualquer coisa, tornam a atmosfera pesada, alimentam os vermes, fazem proliferar os insetos, fomentam e prolongam as doenças, e nos tornam predispostos a novas. Por isso é que afirma Hipócrates: "Os ventos do sul enfraquecem o ouvido, obscurecem a vista, tornam a cabeça pesada, entorpecem e debilitam"[2] porque eles enchem a cabeça com

certos vapores e umidade que turvam a mente, relaxam os nervos, obstruem as passagens, ofuscam os sentidos, e nos tornam preguiçosos e quase incapazes para qualquer tipo de atividade. É por isso que, à falta de ventos do nascente, será preciso recorrer aos que sopram do norte e que, graças a suas qualidades frias e secas, não produzem umidade alguma e conservam muito bem os livros e papéis.

Citações originais e fontes das traduções

1 Carmina secessum scribentis et otia quaerunt. Ovídio, *Tristia*, I, I, 41. [Trad. de Patricia Prata. In: *O caráter intertextual dos* Tristes *de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2007, p. 123. Tese de doutorado.]

2 Austri auditum hebetantes, caliginosi, caput gravantes, pigri, dissolventes. Hipócrates, *Aforismos*, 3, 5. [Trad. de Walter Abranches Facchinett a partir da versão francesa de É. Littré. In: *Aforismos de Hipócrates*. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure"; Farmácia Homeopática "Bento Mure", 2008, p. 23. Disponível em: http://www.bentomure.com.br/revistasimilia/aforismos.pdf]

Capítulo VII

A ordem que convém dar-lhes

O sétimo ponto a ser tratado, imprescindivelmente, depois do que foi dito nos antecedentes, é o que trata da ordem e do arranjo que os livros terão na biblioteca. Não há dúvida alguma de que sem isso todo nosso esforço seria em vão e nosso trabalho infrutífero, pois os livros são colocados e mantidos nesse lugar unicamente para prestar um serviço quando necessário. No entanto, sua utilização será impossível se não estiverem arrumados e dispostos de acordo com seus diversos assuntos, ou de alguma outra forma que nos permita encontrá-los facilmente no lugar indicado.

Afirmo, ademais, que, sem essa ordem e esse arranjo, esse amontoado de livros, por maior que seja, nem que fossem cinquenta mil volumes, não mereceria o nome de biblioteca. É como se fosse um ajuntamento de trinta mil homens, que não mereceria o nome de exército se não estivessem organizados em regimentos sob as ordens de comandantes e capitães, ou uma grande quantidade de pedras e materiais de construção que não merece o nome de palácio ou casa se não estiverem colocados e dispostos conforme o que é preciso para construir um prédio perfeito e acabado.

Assim como vemos a natureza, "que nada planejou

ou completou sem método",[1] ordenar, manter e conservar, dessa única maneira, tão grande diversidade de coisas, sem as quais não poderíamos sustentar e manter nosso próprio corpo, também devemos crer que, para manter nosso espírito, é preciso que os objetos e as coisas de que ele faz uso sejam organizados de modo que seja possível a qualquer momento discernir uns dos outros, escolhê-los e separá-los à vontade, sem esforço, sem dificuldade e sem confusão.

No caso dos livros isso jamais seria alcançado se se quisesse organizá-los segundo o plano dos cem armários, proposto por La Croix du Maine no fim de sua *Bibliothèque française*, ou segundo as ideias caprichosas que Giullio Camillo apresenta em seu Teatro[2] e, pior ainda, se se quiser adotar a tríplice divisão que Jan Mombaer infere destas palavras do salmista, "Ensina-me disciplina, o bom senso e o saber",[3] para distribuir todos os livros em três classes e categorias principais de Moral, Ciências e Devoção. Pois, do mesmo modo que, se a enguia for muito espremida, ela escapa das mãos, a memória artificial desgasta e corrompe a memória natural, e deixamos de executar, amiúde, muitos afazeres devido ao exagero de detalhes e precauções.

Também é certo que seria muito difícil para o espírito respeitar e habituar-se a essa ordem, cujo único objetivo parece ser o de torturar e atormentar eternamente a memória com os espinhos dessas minúcias e sutilezas quiméricas, que não conseguem nem mesmo aliviá-la, e concretizar o que disse Cícero, "é sobretudo a ordem que traz luz à memória".[4] Por isso, não se deveria prezar uma ordem que somente pode ser obedecida por um autor que não deseja ser compreendido.

Creio que a melhor ordem, que continua sendo a mais fácil, a menos complicada, a mais natural e a mais usada é a que adota as disciplinas de teologia, medicina, jurisprudência, história, filosofia, matemática, humanidades e outras. Convém subdividi-las respectivamente, segundo suas diferentes partes, que devem, para tal fim, ser bem conhecidas por quem estiver incumbido da biblioteca.

Em teologia, por exemplo, será preciso colocar em primeiro lugar todas as bíblias por ordem de línguas, seguidas dos concílios, sínodos, decretos, cânones e tudo que é próprio das constituições da Igreja, pois estão em segundo lugar de autoridade entre nós; depois, os patriarcas gregos e latinos seguidos dos comentadores, escolásticos, os diversos doutores, os historiadores e finalmente os heréticos.

Em filosofia, começar pela obra de Hermes Trismegisto, que é a mais antiga, seguida pela de Platão, de Aristóteles, de Ramón Llull, Ramus, e terminando com os inovadores, como Telesio, Patrizi, Campanella, Francis Bacon, Gilbert, Giordano Bruno, Gassendi, Basson, Gómez Pereira, Charpentier, van Goorle, que são os principais dentre um milhar de outros.

E assim proceder em cada campo do conhecimento, tomando, zelosamente, as seguintes cautelas. A primeira, que os autores mais universais e mais antigos tenham sempre precedência; a segunda, que os intérpretes e comentadores sejam colocados à parte e organizados segundo a ordem dos livros que explicam; a terceira, que os tratados especiais acompanhem a ordem e o arranjo de seu conteúdo e assuntos nas artes e nas ciências; e a quarta e última, que todos os livros de temática e assunto semelhantes sejam or-

denados e colocados exatamente no lugar a eles destinado porque, assim agindo, a memória fica tão aliviada que será fácil encontrar, num átimo e numa biblioteca maior do que a de Ptolomeu, qualquer livro que se queira escolher ou desejar.

Para que isso exija ainda menos esforço e maior satisfação será preciso cuidar para que os livros que forem muito pequenos e não possam ser encadernados separadamente somente sejam reunidos se tratarem do mesmo assunto. O mais adequado, em todo caso, será encaderná-los um a um, para não causar uma confusão extrema na biblioteca se forem reunidos com outros de conteúdo tão díspar e tão distante que jamais se pensaria em procurá-los em tal companhia.

Sei muito bem que alguém poderá me apontar dois inconvenientes bastante importantes decorrentes desse arranjo, a saber, a dificuldade de classificar satisfatoriamente e colocar no lugar livros que pertençam a uma classe ou disciplina principal e o trabalho contínuo de sempre remexer a biblioteca quando for preciso colocar uma trintena de volumes em diferentes lugares. Respondo ao primeiro desses inconvenientes dizendo que não existem livros que não possam de algum modo ser enquadrados em alguma ordem, principalmente se forem muitos, e, com estes, uma vez colocados em seus lugares, bastará um pouco de esforço da memória para lembrar onde se encontram, e que, no pior dos casos, basta que se escolha determinado lugar onde possam estar todos reunidos.

Quanto à segunda objeção, é bem verdade que seria possível evitar maior esforço colocando os livros não mui-

to apertados ou deixando um pouco de espaço nas extremidades das prateleiras ou dos pontos onde termina cada campo do conhecimento. No entanto, acho que seria mais apropriado escolher um lugar onde ficassem, durante seis meses, todos os livros comprados nesse período, ao fim do qual seriam arrumados junto com os outros, cada um em seu devido lugar, principalmente porque isso serviria para que fossem espanados e manuseados duas vezes por ano.

Em todo caso, creio que essa ordem, que é a mais utilizada, será sempre considerada muito melhor e mais fácil do que a da Biblioteca Ambrosiana e de outras, onde todos os livros são colocados a trouxe-mouxe e indiferentemente dispostos por tamanho e cifras e diferençados somente em um catálogo onde cada peça é encontrada pelo nome do autor. Um arranjo que, para evitar os inconvenientes antes citados, acarreta uma infinidade de outros incômodos, muitos dos quais poderiam, no entanto, ser remediados com um catálogo compilado fielmente segundo todos os assuntos e campos do saber subdivididos até suas partes mais precisas e específicas.

Por enquanto, somente nos resta falar dos manuscritos. A biblioteca é o lugar mais conveniente para guardá-los de modo mais adequado, pois não há motivo algum para separá-los e isolá-los, uma vez que constituem a parte mais rara e mais apreciada da biblioteca. Ademais, muitas pessoas se convencem facilmente, ao não encontrá-los junto com os livros, de que os lugares onde é costume dizer que estão guardados não passam de sítios imaginários, que se destinam apenas para servir de desculpa para aquelas bibliotecas que efetivamente não os possuem.

Assim, nota-se que todo um lado da Biblioteca Ambrosiana contém nove mil manuscritos que foram reunidos graças aos cuidados e diligência do senhor Giovan Antonio Olgiati. Na biblioteca do senhor presidente de Thou encontra-se um aposento, do mesmo tamanho e acessível do mesmo modo que os outros, destinado a essa finalidade.

É por isso que, ao recomendar a ordem a ser adotada, deve-se ter em mente que existem duas espécies de manuscritos, e que os que são de tamanho e espessura suficientes podem ser organizados como os demais livros. Deve-se ter o cuidado, no entanto, se houver algum item muito valioso, ou proibido e defeso, de colocá-los nas prateleiras mais altas e sem título à mostra, para que fiquem bem distantes tanto da mão quanto da visão, a fim de que não sejam conhecidos ou manuseados sem a anuência e a discrição da pessoa responsável por eles.

Prática semelhante será preciso adotar no caso da outra espécie de manuscritos, que são os cadernos e folhas soltas, que precisam ser reunidos em maços e pacotes por assunto, e colocados num lugar ainda mais alto do que os precedentes, principalmente porque, devido a seu pequeno tamanho e ao tempo reduzido que seria necessário para transcrevê-los, estariam sempre sujeitos a serem retirados ou levados por empréstimo, se fossem colocados num local onde pudessem ser vistos e manuseados por qualquer um, como sói acontecer com livros colocados sobre as mesas nas bibliotecas antigas. Sobre esse ponto basta dizer isso, que dispensa maiores comentários, pois se a ordem da natureza, que é sempre igual e semelhante a si mesma, não puder ser observada, por causa da variedade e diversidade dos li-

vros, somente resta a ordem da arte, a qual cada um deseja criar conforme sua imaginação, seja porque, com base em seu bom senso e julgamento, tanto pode satisfazer a si próprio quanto para não seguir os exemplos e as opiniões dos outros.

Citações originais e fontes das traduções

1 Quae nihil unquam sine ordine meditata est vel effecit. Aristóteles. *Política*, I, 8. [Fonte indicada por Naudé. Na edição inglesa de Archer Taylor, seria uma paráfrase de trechos da *Política* (1256b 21) e da *Física* (252a II ff).] [N.T.]

2 Giulio Camillo (1480–1544) autor do projeto do Teatro da Memória, ou da Sabedoria, que seria uma construção de madeira, conforme os princípios arquitetônicos de Vitrúvio para esse tipo de edifício, e que por meio da associação mnemônica de imagens permitiria registrar todos os conhecimentos. O número cabalístico sete orientava a concepção do espaço e suas subdivisões. Embora pouco se saiba sobre até onde se concretizou o projeto de Giulio Camillo, o fato é que ele ainda era lembrado no século XVIII. Sobre o tema: YATES, Frances A. *The art of memory*. Harmondsworth: Penguin, 1966, cap. 6 ("Renaissance memory: the memory theatre of Giulio Camillo" (p. 135-162) e cap. 7 ("Camillo's theatre and the Venetian Renaissance" (p. 174). [N.T.]

3 Disciplinam, bonitatem et scientiam doce me. *Salmos* 119, 66. [Trad. da *Bíblia de Jerusalém*.]

4 Ordinem esse maxime, qui memoriae lumen adferret. Cícero, *De oratore*, 2, 353. [Trad. de Adriano Scatolin. In: A memória. (Cícero. *Do orador* 2. 351-60). *Letras Clássicas*, v. 15, p. 98, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/16200253/C%C3%ADcero_Do_orador_2.351-360]

Capítulo VIII

Ornamentação e decoração a serem aplicadas na biblioteca

Passaria de bom grado desse último ponto para o próximo, que deve fechar e encerrar estes conselhos, se não tivesse sido advertido pelas palavras tão verdadeiras de Typotius, "Sem o fascínio do ornamento a própria virtude será ignorada pelo mundo e valerá tanto como se morta estivesse",[1] para comentar de passagem sobre a aparência externa e a ornamentação a seram aplicadas na biblioteca, uma vez que enfeites e decoração parecem necessários, pois, segundo disse o mesmo autor, "Todos os aparatos bélicos, todos os dispositivos públicos e finalmente todos os móveis domésticos são feitos para serem exibidos".[2]

Na verdade, o que me leva mais facilmente a escusar a paixão de quem procura hoje essa pompa com muitos custos e despesas inúteis é que os antigos foram nisso mais pródigos do que nós. Se quisermos, em primeiro lugar, observar como era a estrutura e o edifício de suas bibliotecas, Isidoro nos informará que todas tinham piso de mármore verde e tetos dourados; segundo Boécio, as paredes eram revestidas de vidro e marfim; para Sêneca, os armários e mesas eram de ébano e cedro.[3] Se procurarmos saber quais

peças raras e delicadas eram ali expostas, os dois Plínios, Suetônio, Marcial e Vopisco dão o testemunho, em todas suas obras, de que não pouparam nem ouro nem prata para colocar os retratos e as estátuas de todos os homens famosos. E, finalmente, se alguém fizer questão de saber qual era a ornamentação dos livros, Sêneca não faz outra coisa senão censurar o luxo e as despesas excessivas em que incorriam para pintar, dourar, iluminar, encapar e encadernar os livros com todos os tipos de adereços, enfeites e atavios. Mas, para tirar algum ensinamento de tal confusão, será preciso escolher e separar entre esses extremos aquilo de que a biblioteca realmente precisa, e que não deixe de modo algum de atender a isso por avareza, nem exceder sem cair na prodigalidade.

Digo, antes de tudo, que não há necessidade alguma de fazer despesas excessivas com a encadernação dos livros. O mais adequado é destinar o dinheiro que seria gasto nisso para a compra de todos os livros em volumes com margens mais generosas e com a melhor impressão que possam ser encontrados. Se quiser apenas agradar os olhos dos visitantes, mande enfeitar todas as lombadas dos volumes que serão encadernados, seja em carneira, vitela ou marroquim, com filetes de ouro e florões, com o nome dos autores. Para isso deve-se recorrer ao dourador que trabalhe habitualmente para a biblioteca, do mesmo modo que se recorre ao encadernador para restaurar as lombadas e capas estragadas, refazer os cabeços, reparar as páginas fora de lugar, colar de novo mapas e ilustrações, limpar as páginas sujas e, em suma, manter tudo em condição conforme à decoração do lugar e à conservação dos volumes.

Tampouco faz sentido sair procurando, para juntar na biblioteca, todos aqueles restos e fragmentos de antigas estátuas,

> dos Cúrios fratos bustos;
> Corvino sem nariz, feito em pedaços;
> Desnarizado, e sem orelhas Galba[4]

sendo suficiente que tenhamos cópias bem feitas daqueles que foram os mais célebres na profissão das letras, para que possamos, ao mesmo tempo, avaliar o espírito dos autores pelos seus livros e por seu corpo, por sua figura e fisionomia, por seus retratos e imagens, os quais, junto com os relatos que muitos fizeram de suas vidas, servem, em minha opinião, como acicate poderoso que estimula uma alma generosa e bem-nascida a seguir seus passos e a permanecer firme e estável ao percorrer campos e caminhos de uma bela iniciativa e de uma decisão que tenha tomado.

E menos necessidade haverá de aplicar ouro nos revestimentos, marfim e vidro nas paredes, cedro nas estantes e mármore no piso, pois essa forma de exibição não está mais em uso, os livros não são mais colocados sobre mesas, à moda antiga, mas em estantes que recobrem todas as paredes. No lugar desses dourados e paramentos podem ser colocados instrumentos de matemática, globos, mapas-múndi, esferas, pinturas, animais empalhados, minerais e outras curiosidades, tanto da arte quanto da natureza, que serão colhidas, em geral, de tempos em tempos e sem maiores despesas.

Finalmente, seria um grande esquecimento se, depois de ter adornado a biblioteca com todas essas coisas, ela não tivesse as estantes guarnecidas de sarja, tarlatana

ou lona comuns, normalmente fixadas com tachas douradas ou prateadas, para proteger os livros contra a poeira e dar ao lugar um encanto todo especial. E seria também uma omissão se lhe viessem a faltar mesas, tapetes, cadeiras, espanadores, pesos de papel, lunetas, relógios, penas, papel, tinta, canivete, areia, calendário e outros pequenos itens e instrumentos similares, de valor tão baixo mas tão necessários que não existe desculpa capaz de proteger quem deixa de fornecê-los.

Citações originais e fontes das traduções

1 Ita ignota populo est, et mortua pene ipsa virtus sine lenocinio. Typoets, Jacques. *De fama libri*, II, p. 4.

2 Omnis apparatus bellicus, omnes machinae forenses, omnis denique suppelex domestica, ad ostentatione comparata est. *Ibidem*, p. 2.

3 Isidoro de Sevilha, *De bibliothecis*, in *Etymologiae*, VI, 3.

4 Et Curiosam dimidios, humeroque minorem, Corvinum, et Galbam auriculis nasoque carentem. Juvenal, *Sátiras*, VIII, 4-5. [Trad. de Francisco Antônio Martins Bastos. In: JUVENAL. *Sátiras*. São Paulo: Edições Cultura, 1943, p. 109.]

Capítulo ix

Qual deve ser o principal objetivo de uma biblioteca

Estando assim tudo explicado, só resta, para terminar nosso relato, saber qual devem ser a finalidade e a principal utilidade da biblioteca. Supor que, depois de tantos esforços e despesas, essas luzes fiquem ocultas, e condenar tantas mentes valorosas ao silêncio perpétuo e à solidão é compreender mal o objetivo da biblioteca. Ela, nem mais nem menos do que a natureza, "estaria fadada a perder todo o desfrute de si mesma, que exiba à solidão coisas tão grandes, tão notáveis, tão sutilmente formadas, tão resplandecentes, tão belas (e belas não apenas num aspecto); preferiria, como sabeis, ser examinada e não simplesmente olhada".[1] E, por esse motivo, é que vos digo, senhor, com a mesma liberdade e com a mesma afeição que sinto por servir-vos, que seria vão todo esforço de alguém para levar a cabo qualquer das sugestões mencionadas ou fazer alguma despesa elevada com livros se esse alguém não pretendesse destiná-los e consagrá-los ao uso do público, e jamais negá-los ao mais humilde dos homens que deles vier a precisar, o que é verdadeiro como dizia o poeta:

> A virtude oculta é de pouco valor; para que serve
> Se afogada na escuridão, mais do que um barco sem remo,
> Ou lira silente, ou arco que nunca foi retesado?[2]

E, assim, um dos princípios mais importantes entre os romanos abastados ou entre aqueles que davam mais apreço ao bem público era formar muitas dessas bibliotecas, para depois legá-las e destiná-las ao uso de todos os homens de letras. Segundo o cálculo de Pietro Vettori, havia em Roma vinte e nove, e segundo o de Palladio, trinta e sete, que eram provas da grandeza, magnificência e suntuosidade dos romanos. Panciroli, portanto, tinha razão ao acusar-nos de negligência e ao apontar, entre as coisas memoráveis da Antiguidade que não chegaram até nós, esses testemunhos evidentes da riqueza e do alto apreço dos antigos por quem seguia a profissão das letras.

E sua razão é ainda maior porque só existe atualmente, pelo menos até onde vai meu conhecimento, as do cavalheiro Bodley em Oxford, do cardeal Borromeo em Milão; e da casa dos agostinianos em Roma, onde se pode entrar livremente e sem dificuldade. Todas as outras, como as de Muret, de Fulvio Orsini, de Montalto, e a do Vaticano; dos Medici e de Pietro Vettori em Florença; de Bessarion em Veneza; de santo Antônio em Pádua; dos jacobinos em Bolonha; dos agostinianos em Cremona; do cardeal Seripando em Nápoles; de Federigo, duque de Urbino; de Núñez em Barcelona; de Ximenes em Alcalá; de Rantzau em Breitenburg; dos Fuggers em Augsburgo; e finalmente a do rei, a de são Vítor e a do senhor de T., em Paris, todas elas belas e admiráveis, não são porém públicas, abertas para todos e de ingresso fácil, como o são as três anteriores.

Assim, para falar apenas da Ambrosiana de Milão e mostrar como ela supera, tanto em grandeza e magnificência quanto na disponibilidade para o público, muitas das

bibliotecas dos romanos, não é incomum que alguém adentre ali, quase a qualquer hora, e permaneça pelo tempo que lhe aprouver. Poderá olhar, ler, consultar os autores que quiser, com todos os meios e comodidades para fazer isso, seja em público, seja em particular, tendo apenas o trabalho de dirigir-se até o local nos dias e horas normais, sentar-se nas cadeiras destinadas a tal fim e pedir os livros que quiser consultar ao bibliotecário ou a três de seus assistentes, que são muito bem remunerados e instruídos, tanto para servir à biblioteca como aos que ali vão estudar todos os dias.

Mas, para regular esse uso de modo conveniente e tomando todas as precauções necessárias, acho que seria apropriado, em primeiro lugar, escolher um homem honrado e sábio, bem versado em matéria de livros, para conferir-lhe, com o cargo e os honorários adequados, o título e a qualidade de bibliotecário. Isso estaria em conformidade com o que vemos ser praticado em todas as mais famosas bibliotecas, onde muitos cavalheiros se sentiram honrados por ocuparem esse cargo, tornando-o mais ilustre e recomendável graças a seu grande saber e capacidade. Por exemplo, Demétrio de Faleros, Calímaco, Apolônio de Rodes, Aristoxeno e Zenódoto, que outrora foram responsáveis pela biblioteca de Alexandria; Varrão e Higino, que governaram a do monte Palatino em Roma; Leidrad e Agobardo, a da ilha de Barbe perto de Lyon na época de Carlos Magno; Pietro Diacono, a de monte Cassino; Platina, Eugubino e Sirleto, a do Vaticano; Sabellico, a de Veneza; Wolf, a de Basileia; Gruter, a de Heidelberg; Dousa e Paulus Merula, a de Leyden, aos quais sucedeu o sábio Heinsius; como, depois de Budé, Gosselin e Casaubon, o senhor Rigault go-

verna hoje em dia a Bibliothèque Royale, fundada pelo rei Francisco I, e bastante ampliada graças ao grande empenho e diligência que lhe dedica.

O mais necessário a seguir seria fazer dois catálogos de todos os livros da biblioteca. Num deles os livros seriam relacionados com exatidão, conforme os diversos assuntos e disciplinas, de modo que seja possível perceber e identificar num piscar de olhos todos os autores que ali se encontrem e que tratem do assunto que primeiro venha à mente. E no outro catálogo os livros estariam fielmente arrolados em ordem alfabética de seus autores, tanto para evitar aquisições duplicadas, quanto para saber as falhas que existem e atender a muitas pessoas que às vezes têm curiosidade de ler todas as obras de determinados autores.

Se assim for feito, o uso que terão os catálogos será, em minha opinião, muito proveitoso, seja no que tange à especial vantagem que isso dará a seu proprietário e ao bibliotecário, como no que tange à fama que poderão auferir ao compartilhá-los com todas as pessoas. Desse modo não ficarão parecendo com aqueles avaros, que jamais se contentam com suas riquezas, ou com a invejosa serpente que impedia que alguém se aproximasse e colhesse os frutos do jardim das Hespérides, principalmente porque as coisas somente devem ser apreciadas pelo benefício e a utilidade que delas se obtêm. E, no que tange aos livros, eles são como aquele ao qual Horácio se referia em suas *Epístolas*:

> Ódio tomaste às chaves que te encerram,
> Ao segredo que o tímido contenta!
> Lastimas-te de ser mostrado a poucos,
> E o destino comum ignaro louvas.[3]

No entanto, uma vez que não seria razoável profanar com indiscrição o que deve ser tratado com juízo, deve-se observar, primeiramente, que todas as bibliotecas, não podendo ficar sempre abertas, como a Ambrosiana, pelo menos que seja permitido àquelas pessoas que dela necessitem que tenham acesso desimpedido ao bibliotecário para poderem ser por ele admitidos no local sem perda de tempo ou empecilhos.

Em segundo lugar, que as pessoas que forem totalmente desconhecidas e todas as outras que ali estejam para consultar somente algumas coisas de passagem possam ver, buscar e fazer anotações de qualquer tipo de livro impresso de que necessitem.

Em terceiro lugar, que seja permitido às pessoas de mérito e saber que levem para casa os livros comuns e pouco volumosos, com a cautela, porém, de que isso não ultrapasse quinze dias ou três semanas no máximo, e que o bibliotecário tenha o cuidado de anotar, num livro destinado a tal fim e dividido pelas letras do alfabeto, tudo o que for emprestado, com a data do dia, as dimensões do volume, o lugar e o ano da impressão, tudo assinado por aquele a quem o empréstimo tiver sido feito.

Essas anotações serão canceladas quando o livro for devolvido, e será anotado à margem o dia da devolução, para que se saiba quantos dias durou o empréstimo e quem, pela sua diligência e cuidado com os livros, merecerá retirar outros por empréstimo. Asseguro-vos, senhor, que, se for de vosso agrado dar continuidade àquilo que iniciou e ampliar vossa biblioteca para que vos sirva da forma que julgardes melhor, recebereis louvores incomparáveis, agradecimen-

tos infinitos, vantagens incomuns e, em suma, tereis uma satisfação indescritível, pois, ao percorrer com o olhar esse catálogo, as cortesias que houverdes feito, os novos amigos e servidores que houverdes conquistado, compreendereis concretamente quanta glória e reputação vossa biblioteca vos haverá proporcionado.

Para melhorá-la e aumentá-la, insisto na minha disposição de durante toda minha vida contribuir em tudo que me for possível, do mesmo modo que tive a ousadia de oferecer-vos estes *Conselhos*, que espero com o tempo vir a polir e ampliar, para que sejam publicados sem o temor de falar e discorrer amplamente sobre assunto que ainda não foi tratado. Poder-se-á, então, ver, sob o título de *Bibliotheca Memmiana,* aquilo que há tanto tempo se deseja conhecer, ou seja, a história bastante ampla e minuciosa das letras e dos livros, o estudo crítico dos autores, os nomes dos melhores e mais solicitados em cada disciplina, o flagelo dos plagiários, o progresso das ciências, a diversidade das seitas, a revolução das artes e das disciplinas, a decadência dos antigos, os diversos princípios dos inovadores e o bom direito dos pirronianos baseado na ignorância de todos os homens. Sob cujo manto vos suplico, mui humildemente, senhor, que desculpai a minha e que recebais este livrinho, embora tosco e mal traçado, como penhor de minha boa vontade e que vos prometo que apresentarei um dia, com mais estrutura e mais bem apetrechado.

> Por ora fizemos-te todo de mármore; mas,
> se a reprodução aumentar o rebanho, que tu sejas de ouro.[4]

Citações originais e fontes das traduções

1 Perditura fructum sui, si tam magna, tam clara, tam subtiliter ducta, tam nitida et non uno genere formosa solitudini ostenderet: scias illam spectari voluisse, non tantum aspici. Sêneca, *De otio*, 5, 3-4.

2 Vile latens virtus; quid enim demersa tenebris proderit? Obscuro veluti sine remige puppis, / vel lyra quae reticet, vel qui non tenditur arcus. Claudiano, *Panegyricus de quarto consulatu Honorii Augusti*, v. 222-224.

3 Odisti clauis et grata sigilla pudico, /paucis ostendi gemis et communia laudas. Horácio, *Epístolas*, I, 20, 3-4. [Trad. de Antônio Luís de Seabra. In: *Satyras e epistolas*. Porto: Em Casa de Cruz Coutinho, 1846, v. 2, p. 73.]

4 Nunc te marmoreum pro tempore fecimus; at tu / si fetura gregem suppleuerit, aureus esto. Virgílio, *Éclogas*, 7, v. 35-36. [Trad. de Caroline Talge Arantes. In: *O duelo dos pastores: um estudo sobre a figuratividade nas* Bucólicas *de Virgílio*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2015, p. 123. Dissertação de mestrado. Disponível em: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127913/000846713.pdf?sequence=1]

Índice onomástico

Este índice remete unicamente para os autores citados no texto de Gabriel Naudé.